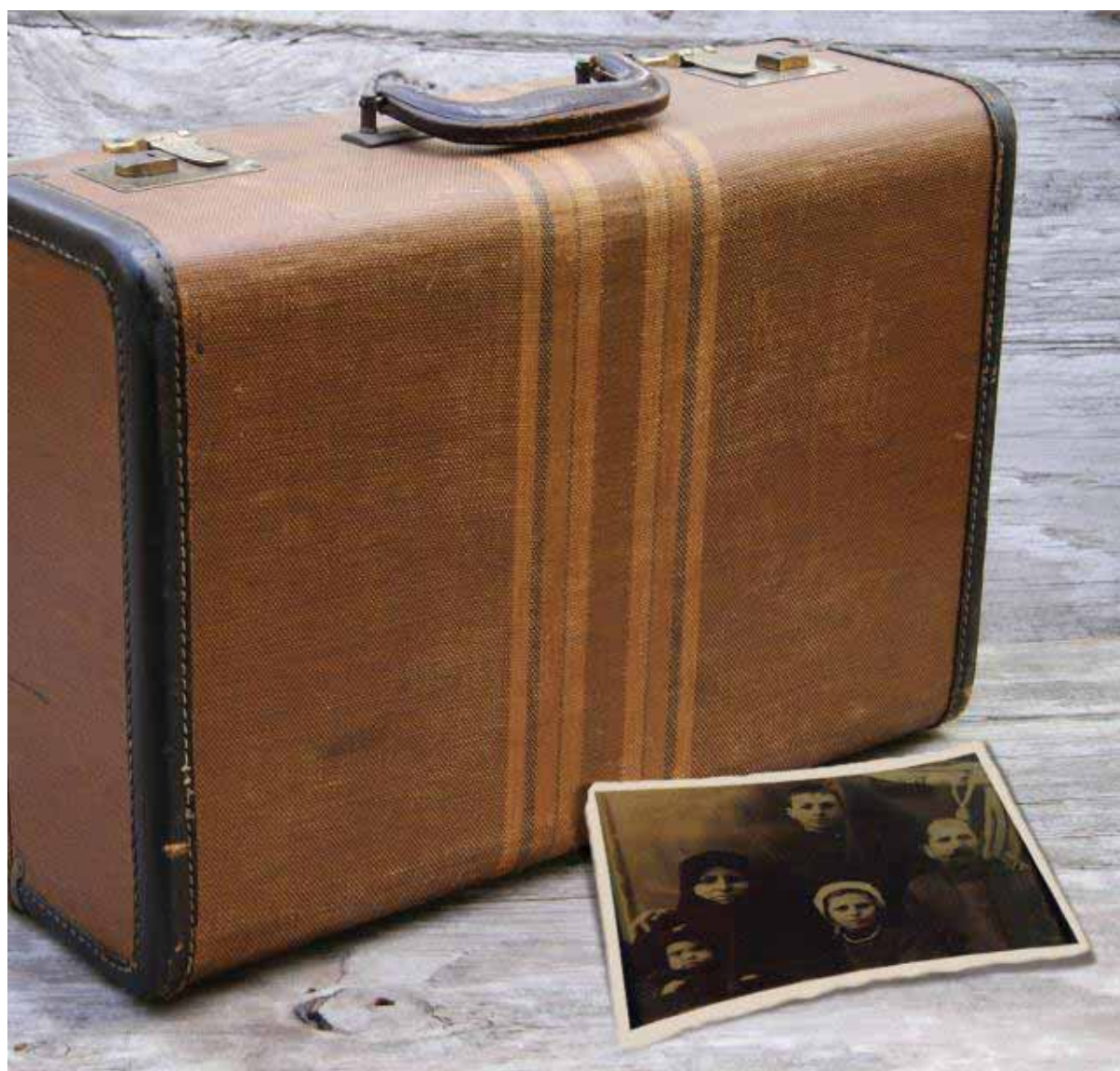


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO (FAAC)

LETÍCIA DE FREITAS GRECO

RELATÓRIO
HISTÓRIAS QUE A REVOLUÇÃO NÃO PERMITIU CONTAR

BAURU 2012



 Histórias que a
Revolução
não permitiu contar

Letícia de Freitas Greco

SUMÁRIO

Introdução	03
Fundamentação teórica	06
Desenvolvimento do projeto.....	12
Tema.....	16
Produto.....	30
Projeto Gráfico-editorial	32
Considerações finais.....	35
Referências bibliográficas	37
Anexos	38
Apêndice.....	43

Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso é um livro-reportagem, cujo título é *Histórias que a Revolução não permitiu contar*. O tema desenvolvido no produto aborda a imigração e a colonização de povos do leste Europeu no Brasil, na década de 1920.

A escolha do tema, inicialmente, teve caráter pessoal: os personagens centrais do livro Andrei e Eugênia Greco, imigrantes da Bessarábia, são meus bisavôs por parte de pai. Antes mesmo de cursar a Faculdade de Jornalismo, a família tentou buscar informações que nos levasse a descobrir um pouco mais sobre o passado dos patriarcas na Bessarábia. No entanto, mesmo com alguns documentos guardados e a par de algumas informações que foram passadas de geração a geração, havia um desconhecimento geral tanto sobre a História da região quanto sobre os fatos relacionados à própria família.

Muitos documentos que poderiam responder a perguntas cruciais como: de que cidade eles vieram ou qual era o sobrenome original da família, foram queimados ou jogados fora pela própria Eugênia, que não gostava de falar sobre o passado. A falta de desinteresse dos próprios descendentes, que sequer aprenderam a falar a língua dos pais, também prejudicou a busca pelas informações.

Somente ao entrar para a Faculdade de Jornalismo vislumbrei a possibilidade de iniciar essa busca, agora de forma profissional: usando todas as técnicas e recursos que o curso ensinou ao longo de quatro anos. Para chegar às respostas dos meus questionamentos, tive um árduo trabalho de investigação e pesquisa, proposta que o Jornalismo investigativo é capaz de cumprir.

Além da questão pessoal, acredito que o tema "imigração e colonização no Brasil" ainda requer estudos e pesquisas científicas relacionadas às áreas de Sociologia, Antropologia e História, já que a Identidade do povo brasileiro atual está relacionada à trajetória histórica do país. O Brasil é considerado um país multicultural e é um dos únicos do mundo onde existe uma grande mistura de etnias, que por sua vez, se deu por conta da imigração.

Pode-se dizer, de maneira geral, que até mesmo a imigração e a colonização no Brasil, além de envolver aspectos culturais que hoje marcam o brasileiro, também estão relacionadas a aspectos econômicos, políticos e sociais. Primeiro, imigraram os portugueses para desbravar "o novo mundo", depois vieram os espanhóis, franceses e holandeses. Em seguida, os negros chegaram como mão de obra escrava para 'abastecer' as fazendas canavieiras. Por último, italianos, japoneses, alemães e os povos do leste europeu, a quem o livro dedica às pesquisas,

chegaram para trabalhar nas fazendas cafeeiras. A última onda imigratória, acontecida no século XIX e XX fez parte de uma política adotada para suprir a 'falta' de mão de obra negra.

As consequências de tais imigrações foram ao mesmo tempo positivas e negativas: ainda que tenha havido uma grande miscigenação entre os povos que viviam no Brasil, existiu e, diga-se de passagem, que ainda existe, uma elite branca preconceituosa que excluiu os negros do convívio em sociedade quando a escravidão foi abolida do país, em 1888, dando início a uma série de problemas sociais que até hoje não foram resolvidos, como o índice de menor escolaridade entre negros em relação aos brancos¹.

Por isso, acredito ser fundamental ao jornalista conhecer todo o processo de imigração no Brasil para entender de que maneira ela contribuiu com o progresso e a trajetória econômica, política e social do país.

Um terceiro ponto fundamental para a escolha do tema tem a ver com a proximidade dos cem anos da Revolução Russa, que ocorrerá em outubro de 2017. A mudança política ocorrida naquele país, em decorrência da Revolução, trouxe consequências tão profundas, não só para a população russa, como também para a população dos países vizinhos, e, por isso, merece que as histórias daqueles que sofreram todas as consequências negativas sejam registradas em um livro.

Por último, ao realizar a pesquisa bibliográfica sobre imigração de povos do leste europeu e sua colonização no Brasil, nota-se que há uma ausência de livros, artigos, reportagens e teses que falem sobre o assunto. Por isso, tanto a pesquisa de coleta de dados como a pesquisa bibliográfica foram fundamentais para complementar esse pequeno material existente.

Sendo assim, o objetivo de *Histórias que a Revolução não permitiu contar* é mostrar o outro lado da Revolução Russa: contar as histórias de camponeses das frias regiões do leste europeu que sofreram as perseguições políticas e religiosas impostas pelo Regime Socialista e relatar como foi o processo de emigração para o Brasil, ou seja, como esses moradores do leste europeu, em sua maioria analfabetos, descobriram o Brasil, sendo camponeses que viviam quase que de maneira isolada. A intenção do livro também é mostrar a trajetória de vida nas fazendas de café e na colônia de Varpa, em um país tão distante e tão diferente quanto o Brasil.

Com uma linguagem clara, simples e objetiva, o livro é destinado tanto a pesquisadores da área acadêmica que gostariam de aprofundar seus conhecimentos na área de

¹ Dado retirado do site do IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatística. Visualizado em 31 de outubro de 2012: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=737

Sociologia, Antropologia e História com o tema da imigração e colonização dos povos do leste europeu no Brasil, quanto ao público em geral, desde que esse esteja interessado em aprender um pouco sobre História geral e brasileira do início do século XX. Os leitores sequer precisam ter conhecimentos prévios sobre o assunto porque há um capítulo de contextualização histórica sobre a década de 1920, que dá um embasamento histórico para os capítulos posteriores.

Histórias que a Revolução não permitiu contar tem, portanto, a importância acadêmica de estudar um tema de pesquisa científica importante para a área de Humanidades e que acrescenta valores e conhecimentos técnicos na formação profissional enquanto jornalista. Ao mesmo tempo, conta com informações valiosas sobre o processo de imigração para o Brasil, com o respaldo do estudo de importantes estudiosos sobre o assunto e informações ainda mais ricas sobre o universo de colonos vindos da Bessarábia, Romênia, Letônia, Ucrânia e Rússia, de maneira que se possa entender que contribuições esses imigrantes deixaram no nosso país.

Fundamentação teórica

Histórias que a Revolução não permitiu contar foi amparado em dois tipos de metodologia, sendo a primeira o método de abordagem e a segunda, o método de procedimento.

No método de abordagem, utilizou-se o método dialético, que tem a memória como 'ingrediente' principal do projeto. No presente livro-reportagem, é a memória dos entrevistados que molda a maioria das histórias presentes na obra. O trabalho de registro da memória oral se deu a partir de longas e densas entrevistas com os descendentes de imigrantes de povos do leste Europeu.

Foram realizadas seis entrevistas que estão transcritas em "Apêndice": a primeira com a minha tia avó Ana Greco, filha de bessaberianos, realizada pessoalmente, com um gravador. A segunda foi realizada com Nanci Bumbiers, filha de letos, por telefone e carta. A terceira foi realizada com Enoch Gelezoglo, neto de letos e filho de romenos, por telefone e email. A quarta foi realizada com Vera Zander Campelo, filha de bessaberianos, por telefone. A quinta foi realizada com Lúcia Bukoltes, filha e neta de letos e a última entrevista foi realizada com Zenovia Diacov, filha de bessaberianos e ucranianos, por telefone. Todas as entrevistas feitas por áudio foram gravadas, de modo a não gerar dúvidas posteriores.

As entrevistas foram feitas em um dia, mas não em uma etapa. Mantive várias conversas com os entrevistados antes de marcar um dia para a realização das perguntas. Isso para que eles, já senhores de idade, pudessem ter tempo para lembrar e anotar as memórias particulares e da família, a fim de revelar detalhes importantes que poderiam ser deixados para trás se a entrevista fosse realizada de forma imediata. Por isso, houve cerca de três a cinco contatos com cada entrevistado durante todo o processo.

É importante ressaltar que ao trabalhar com memória oral, ou seja, aquilo que não está registrado no papel, é preciso tomar muito cuidado ao fazer o registro dos fatos porque nem sempre a memória corresponde à realidade. Há de se considerar a distância entre o fato ocorrido e o tempo presente, a quem se refere àquela memória e o uso de memória coletiva.

No livro *História e Memória*, de Jacques Le Goff, o autor faz importantes esclarecimentos em relação à memória oral. Antes de surgir a escrita, os povos faziam uso da memória oral, passando histórias de geração a geração para preservar a identidade do próprio povo.

Em algumas sociedades sem escrita, inclusive, existem homens-memória, que guardam a história de seu povo e a transmitem aos demais. Essa memória não funciona palavra por palavra, o que cabe à Memória escrita, mas a uma história abrangente. (Le Goff, 2003, p. 200).

A memória ganha suporte com o advento da escrita e passa a ser mais bem desenvolvida na Idade Média, quando a memória oral vai aos poucos perdendo espaço para a memória escrita, e essa passa a ser amparada pela História. No entanto, a memória oral nunca deixou de ser praticada, sobretudo nos seios familiares.

A memória oral, inclusive, é bastante valorizada nas Instituições ligadas ao ensino. Ainda hoje, os métodos de avaliação de escolas de ensino fundamental e médio, no vestibular, na Faculdade e até mesmo em concursos públicos, colocam a memória à prova na hora de testar o conhecimento apreendido por cada um.

Nas famílias, também é comum a prática do recurso de memória oral. As histórias são passadas de geração a geração e se não há o registro de tais acontecimentos, é possível que uma hora a veracidade dos fatos seja colocada à prova ou mesmo que a história se perca, se não houver mais quem a conte.

Além disso, a memória coletiva também é outro recurso que pode colocar em dúvida a veracidade de histórias contadas por uma pessoa. Essa memória pode ser entendida de duas maneiras: tanto a de povos que mantiveram a tradição da memória oral, passando os mitos de geração a geração por meio da fala; quanto à de uma memória que foi imposta. Tal imposição pode ocorrer tanto por uma classe sobre a outra quanto de governantes sobre o povo e até mesmo de pais para filhos.

De acordo com o autor mencionado, a imposição de uma memória coletiva que nem sempre corresponde à realidade funciona como objeto e instrumento de poder. Segundo Le Goff (2003, p. 50) "são as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação".

São as memórias coletivas que fazem com que as gerações criem certos cultos de idealização a um fato ou a uma pessoa, que nem mesmo chegaram a conhecer, como é o caso de muitos jovens fanáticos por Che Guevara. Ou seja, criou-se um mito de heroísmo relacionado à figura de Che que foi passada de geração a geração. No Brasil, o clássico exemplo de memória coletiva é o mito de Tiradentes, criado pelos republicanos do século XIX, que precisavam de um herói que defendesse a ideia de República no país.

Por tal razão, ao desenvolver um livro-reportagem baseado em histórias de pessoas que já não estão mais vivas, é preciso apoiar-se em outro método além do dialético, que consiga provar, parte dos fatos descritos por terceiros. Em *Histórias que a Revolução não permitiu contar*, a metodologia de procedimento, com o método histórico dá suporte e embasamento teórico ao projeto e complementa o método dialético.

O método histórico é amparado na História, ou seja, naquilo que os historiadores estudaram e registraram em livros didáticos e em livros específicos sobre determinado assunto, de modo a permitir aos leitores conhecer um pouco mais sobre o país de cada personagem do livro. Por isso, nos capítulos "Rússia", "Bessarábia", "Letônia", "Romênia" e "Ucrânia", países de onde os personagens emigraram, há um mapa logo abaixo do título para que o leitor localize a região e se inteire da geografia do local, a partir de dados como extensão territorial, fronteiras territoriais e marítimas (se houver) e número de habitantes de acordo com o Censo oficial de cada país.

Depois, há em cada um dos capítulos uma breve contextualização histórica do país, revelando como foi formada a identidade do território como país ou reinado, e a trajetória política histórica até os dias atuais. Sem a compreensão de tais fundamentações teóricas, o leitor, dificilmente entenderia os motivos que levaram os personagens da história a emigrar de suas terras para viver no Brasil.

Além desses importantes detalhamentos, o livro-reportagem destaca a Revolução Russa de 1917 e a situação política, social e econômica do Brasil da década de 1920, que representam a principal causa da imigração e colonização dos personagens no país.

Alguns historiadores são contra o uso da memória para a construção de materiais históricos, por duvidarem da autenticidade da memória como recurso de embasamento científico.

As memórias tornaram-se pouco a pouco elementos paralelos à história, mais do que história propriamente dita, pois que a complacência dos autores perante si mesmos, a procura de efeitos literários, o gosto pela pura narração desviam-nos da história e transformam-se num material – relativamente suspeito – da história. (Le Goff, 2003, p.113).

No entanto, é importante fazer a ressalva de que no livro-reportagem *Histórias que a Revolução não permitiu contar*, História e Memória são complementares, ao passo que seria impossível escrevê-lo sem uma ou sem a outra. Cabe ao historiador procurar provas materiais

que certifiquem a veracidade da memória. Além disso, o historiador no papel de autor, também deve trabalhar em sua obra a imparcialidade, sem defender pontos de vista. De nada adianta rejeitar a memória e escrever um trabalho subjetivo, ainda que amparado por fatores históricos.

Além das metodologias, o projeto também teve o respaldo de coleta de dados, que contou com documentos e fotos cedidos pelos próprios entrevistados. Entre os documentos, que estão digitalizados no livro-reportagem, há passaportes, que mostram o local e o dia de desembarque dos imigrantes; registros de trabalhos, que mostram o lugar exato por onde os imigrantes passaram no Brasil; certidão de casamento em língua russa, que mostra local e data de casamento dos imigrantes; certificado de viagem em língua russa; registro de nascimento da Romênia. Há também fotos antigas que mostram os próprios personagens do livro tanto no Brasil quanto em seus países de origem e fotos de paisagens de Varpa, como o rio do Peixe, o templo Batista no ano de 1922 e atual, o monumento na entrada da cidade que simboliza uma espiga, dentre outras. No total, o livro conta com 45 imagens ilustrativas, que conferem maior veracidade às histórias.

Além disso, foram digitalizadas páginas de jornal enviadas pelos próprios entrevistados, cujas reportagens relembram a história de Varpa. Também houve a seleção e reprodução de quatro fotos mundialmente famosas, que mostram o czar Nicolau II com a família antes de ser preso e executado; o czar na prisão em Tsarskoye Selo, para onde foi enviado logo após a Revolução Russa de 1917; uma foto de Lênin trabalhando no antigo palácio Real, em 1918 e uma foto ainda mais famosa de Lênin e Stalin conversando, em 1922. As fotos, além de ilustrativas, mostram ao leitor o retrato de personagens cruciais para o desenvolvimento da política mundial e para as várias histórias retratadas no livro.

Por fim, há também um panfleto italiano com propaganda de imigração para o Brasil, com os seguintes dizeres: "Na América. Terras no Brasil para os italianos. Navios partindo toda a semana do porto de Gênova. Venham construir seus sonhos com a família. Um país de oportunidades. Clima tropical e abundância. Riquezas minerais. No Brasil, vocês podem ter o seu castelo. O governo dá terras e ferramentas para todos". Apesar de ser um folheto italiano, propagandas desse tipo, convidando os europeus para viver no Brasil, estavam em toda a Europa junto a agentes de imigração contratados pelo governo brasileiro.

Tal situação é retratada em *Histórias que a Revolução não permitiu contar*, uma vez que foi por meio daqueles agentes que muitos dos imigrantes chegaram ao país. Há, inclusive, teses de mestrado que falam sobre o assunto, como "Imigração da Rússia para o Brasil no

século XX: Visões do Paraíso e do Inferno", de Alessandra Bytsenko, que mostra como as visões sobre o Brasil influenciaram os europeus a emigrarem para o país. Por isso, a importância de mostrar um folheto, provando que as propagandas realmente existiram e, que de fato, tinham um tom exagerado sobre o Brasil.

A linguagem usada no livro-reportagem é adequada de acordo com os personagens ou o narrador, sendo que para os primeiros é mais informal e permite certos coloquialismos em suas falas, já que quase todos eram camponeses analfabetos. Já a linguagem do narrador, esse de terceira pessoa e onisciente, é informal, clara e simples, de modo que possa atingir um público mais e menos letrado. Além disso, o narrador procura revelar detalhes sobre a vida e pensamentos dos personagens.

A fundamentação teórica do livro-reportagem também contou com uma pesquisa bibliográfica que incluíram livros didáticos, livros teóricos, livros de História e Sociologia e duas teses de Mestrado, sendo os principais:

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. São Paulo: Editora Manole, 2008. Nesse livro, o autor, que é professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA – USP) e membro da Academia Brasileira de Jornalismo Literário – ABJL, começa explicando de maneira detalhada o conceito de reportagem, livro-reportagem e literatura para que o estudante perceba que essas conexões existem em vários tipos de texto, como um depoimento. Nos outros capítulos, dá exemplos de livros-reportagens bem sucedidos no mundo e mostra alguns caminhos para o leitor escrever bem seu texto.

REED, John. *Os dez dias que abalaram o mundo*. Nova Iorque: Boni & Liveright, Inc, 1919. O jornalista norte-americano John Reed vai cobrir a primeira Guerra Mundial na Europa, mas resolve se deslocar para a Rússia, quando a Revolução de outubro estoura. O autor acaba se envolvendo com aquela situação e não se limita a contar os fatos como fazem os livros de história, mas mostra um relato vivo e chocante da Revolução, que trouxe consequências não só internas, como para todo o mundo.

FERRO, Marc. *A revolução russa de 1917*. Paris: Fammarion, 1967. Escrito 50 anos após a Revolução de outubro, o historiador Marc Ferro conta de maneira didática as consequências dos primeiros anos pós Revolução na União Soviética. Com uma riqueza de detalhes, o autor mostra como os vários grupos daquela sociedade se mobilizaram diante da mudança radical da nova organização política daquele país.

TURPES, Milia. **Depois do Crepúsculo... Um novo Alvorecer**. 2ª edição. Varpa, JUERP, 1988. A historiadora viveu na colônia Prata, na cidade de Varpa, distrito de Tupã, e é descendente de letos, como os fundadores do local. O livro conta a história da colônia, desde a sua fundação, em 1922, até os dias atuais, citando também hábitos, religiosidade, cultura, economia e política dos letos que colonizaram Varpa.

BYTSENKO, Anastassia. **Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX. Visões do paraíso e do inferno**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. A tese de mestrado faz uma análise bastante detalhada sobre números da imigração de russos no Brasil e mostra como as visões de estrangeiros sobre o país contribuíram ou atrapalharam a imigração.

Desenvolvimento do projeto

Em um primeiro momento, em abril de 2012, a ideia do livro-reportagem era retratar somente os caminhos da imigração percorridos por Andrei e Eugênia Greco, que desembarcaram no Brasil, vindos da Bessarábia, em 21 de março de 1926.

A partir dessa ideia inicial, conversei com a filha do casal (minha tia-avó), Ana Greco, sobre a possibilidade e aval para fazer um trabalho que exigia tanto a pesquisa de documentos antigos quanto sua disponibilidade para ajudar com depoimento oral.

Dos cinco filhos de Andrei e Eugênia, só Ana e João estão vivos, sendo, portanto, os mais indicados para contar as memórias dos pais. Obtido o aval para a realização do trabalho, em maio, pedi para que os irmãos começassem a fazer anotações sobre suas recordações de infância e das histórias que os pais contavam, além de guardar documentos para que fossem digitalizados.

Em junho, a ideia era escrever um livro dividido em três grandes partes. A primeira se passaria na Bessarábia no ano de 1917, quando a Revolução Russa eclodiu. O capítulo teria descrições do ambiente, hábitos, religião, cultura e estaria amparado num embasamento histórico. A ideia era falar sobre a Revolução e quais as consequências para o casal de camponeses, sendo a maior delas a emigração. A segunda parte se passaria no navio no ano de 1926, quando o casal emigrou de sua pátria com destino ao Brasil. Seria descrito no capítulo como eram as viagens de navios de emigrantes europeus que vinham morar no país com a passagem paga por fazendeiros de café ou pelo próprio governo brasileiro. A terceira e última parte se passaria no Brasil e descreveria todo o trajeto de Eugênia e Andrei, desde o desembarque até o momento em que migraram para o Mato Grosso do Sul, anos após a chegada e onde ficaram até morrer.

Em julho, parti para a cidade de Fátima do Sul, no Mato Grosso do Sul, para entrevistar Ana Greco, que como os pais e os irmãos, Nicolau e Anastasia, já falecidos, escolheu aquele estado como local de moradia. Visitamos o túmulo de Andrei, falecido em 1984 e o de Eugênia, falecida em 1990.

A entrevista teve duração de aproximadamente uma hora e vinte minutos e foi feita com um gravador para que a entrevistada se sentisse mais à vontade. Tentei fazer um amplo e detalhado levantamento da vida de Andrei e Eugênia desde a vida rural na Bessarábia até à vida rural no Mato Grosso do Sul.

No entanto, para a minha surpresa, não consegui obter os resultados esperados, pois apesar de Ana se lembrar de muitas histórias, sobretudo de sua infância, revelou não ter muitos conhecimentos do passado porque os pais não gostavam de falar sobre a vida na Bessarábia. Prova disso é que muitos registros que ajudariam no levantamento preciso de dados, como o endereço da residência no país de origem, foram queimados pela própria Eugênia.

Por outro lado, descobri que muito do que eu pensava sobre a minha própria descendência estava equivocado: o casal não havia morado na colônia Russa no Mato Grosso do Sul, mas sim, em Varpa, distrito de Tupã; a descendência da família não é russa, como todos pensavam, mas sim, romena, como descrita no passaporte de Eugênia deixado para a filha; o porto de desembarque do casal não foi o de Santos, mas sim o do Rio de Janeiro, e por isso, não conseguia encontrar o registro de entrada de imigrantes no site do Memorial do Imigrante de São Paulo.

No entanto, até aquele momento, informações cruciais precisavam ser respondidas, mas não havia quem e o que pudesse respondê-las, como a cidade onde eles moravam ou qual o sobrenome original da família, visto que Greco, originalmente, é um sobrenome italiano.

Ana também procurou alguns documentos que não haviam sido queimados ou jogados no lixo e encontrou uma certidão de casamento dos pais de 1927, escrita em russo, o passaporte da mãe com o carimbo da Ilha das Flores, do dia 21 de março de 1926, o registro de trabalho do pai e uma foto dos avós, Dimitri e Matrona com os filhos alguns anos após voltarem para a Bessarábia (eles não se acostumaram no Brasil), inclusive com uma menina de colo que pode estar viva.

No final de julho, enviei um email para o Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, pedindo que me enviassem a lista com os passageiros desembarcados na Ilha das Flores no dia 21 de março de 1926, mas obtive a resposta de que os funcionários estavam em greve, o que gerou uma dificuldade a mais para o trabalho, pois na posse desse documento, poderia descobrir o nome do navio que eles viajaram e o nome dos outros passageiros no navio.

Em agosto, com a posse dos outros documentos digitalizados, entrei em contato com uma professora de língua russa da Universidade de São Paulo - USP e perguntei se ela poderia traduzir a certidão, já que nenhum descendente da família aprendeu a falar o idioma dos pais. Gentilmente, Elena Vássina e a tradutora juramentada de russo, Klara Gourianova, traduziram o documento gratuitamente, e pela simples tradução, obtive algumas respostas interessantes.

O sobrenome original da família, que por tantos anos gerou dúvidas nos descendentes é Grek, traduzido erroneamente pelos brasileiros que trabalhavam na imigração para Greco, e a cidade onde Andrei e Eugênia viviam se chamava Bender ou Tighina e se encontra atualmente na Moldávia.

No entanto, ainda faltavam outras informações relevantes para o desenvolvimento do livro-reportagem, como detalhes da vida em Bender, hábitos e costumes que a entrevistada não soube contar. Por isso, ainda em agosto, os planos mudaram: de acordo com o orientador do projeto, Claudio Bertolli, apenas uma entrevista seria insuficiente para a realização do TCC.

Com isso, o foco mudou: em vez de contar apenas a história da família Greco, outras histórias com descendentes de imigrantes de famílias provenientes do leste Europeu poderiam ser contadas, a partir de entrevistas e coleta de fotos e documentos. Bertolli lembrou que Varpa foi colônia de muitos daqueles povos, inclusive, dos meus bisavôs.

No fim de agosto, iniciei uma busca por esses descendentes no site de Tupã e nas redes sociais, como Facebook e Orkut. No site da cidade, entrei em contato com a gerente geral do museu Índia Vanuíre, Tamimi David Rayes Borsatto, que rapidamente me passou os contatos dos moradores mais antigos de Varpa.

Conversei e expliquei o projeto para cerca de sete moradores do distrito, todos descendentes de povos do leste europeu, de diferentes nacionalidades. No entanto, só quatro aceitaram responder ao meu questionário, que realizei tanto por telefone, quanto por email e até por carta. Além disso, a maioria me mandou material suporte para ajudar a complementar o livro, como fotos antigas e atuais da colônia, fotos de família antigas, documentos dos pais e avós e até mesmo páginas de jornais, cópias de páginas de outros livros sobre o assunto e um livro da escritora Milia Turpes, que fala exclusivamente da história de Varpa, chamado "*Depois do Crepúsculo... Um novo Alvorecer*".

A partir das entrevistas com Enoch Gelezoglo, descendente de romenos e letos; Nanci Bumbiers, descendente de letos; Zenovia Nitchepurenco Diacov, descendentes de ucranianos e bessaberianos e Lúcia Nely Zalit Bukolts, descendente de letos, surgiu a ideia de reunir vários personagens que contassem um pouco da história de cada um, tanto em seus países de origem quanto no Brasil.

Em setembro, Vera Zander Campelo, descendente de bessaberianos, entrou em contato pelo Orkut e se dispôs a ajudar. Vera mora em Campo Grande, no Rio de Janeiro, e uma entrevista foi realizada por telefone.

Paralelamente às entrevistas, fiz a leitura de livros e teses de mestrado que deram o embasamento teórico e histórico para a realização do livro-reportagem. A próxima etapa se constituiu em repensar a estrutura do livro, que foi dividida em introdução e dez capítulos, detalhados no capítulo "Tema".

Após ter finalizado o livro, em outubro, a senhora Vera me ligou, dizendo que enviaria por correio alguns documentos digitalizados que havia encontrado na casa de uma irmã. Assim como eu, a entrevistada se definia como descendentes de russos. Somente com a posse de documentos, como passaporte, percebeu que a mãe, Pelagheia Stamatow e os avós maternos, Wladimir e Maria Pelagheia Stamatow, viveram na cidade de Bender, na Bessarábia, mesma cidade de Eugênia e Andrei, e não na Rússia, como pensava. Com isso, os capítulos 2 e 3 do livro tiveram que ser adequados para se encaixarem com a proposta de cada um.

Depois da readequação, o trabalho passou por uma revisão geral para descartar erros gramaticais e de digitação. Só então, o título foi definido. Na próxima etapa, coube escolher as fotos e mapas e definir o projeto gráfico da obra. No entanto, percebi que, embora tivesse algum material ilustrativo, ainda era insuficiente para a proposta do livro. Por isso, pedi para uma de minhas fontes, o senhor Enoch Gelezoglo, a gentileza de disponibilizar outras fotos de Varpa, se a tarefa não fosse de difícil realização.

Disposto a ajudar, o entrevistado me enviou cerca de quarenta fotos por email, tiradas por ele mesmo para ilustrar o livro e só então, decidi que tinha material ilustrativo suficiente para terminar o livro-reportagem. A última etapa do projeto consistiu em escrever os agradecimentos, a dedicatória, a contracapa do livro e decidir junto com a diagramadora Letícia Vivaldini o projeto gráfico, detalhado no capítulo "Projeto Gráfico-editorial". Foi desse processo de planejamento, pesquisa e execução de seis meses que nasceu o livro *Histórias que a Revolução não permitiu contar*.

Tema

Histórias que a Revolução não permitiu contar desenvolve a temática da Imigração e Colonização de povos do leste europeu no Brasil, escolha que já foi justificada na apresentação deste trabalho. O livro-reportagem é dividido em introdução e 10 capítulos, que contêm imagens e mapas em cada um deles.

Introdução:

A introdução do livro traz uma breve apresentação para o leitor do projeto, a fim de que ele saiba o que encontrará nos próximos capítulos. A apresentação também conta com justificativa e objetivo do livro-reportagem, mostrando ao leitor o porquê do projeto.

Há também uma breve explicação sobre o que é livro-reportagem, uma vez que o projeto não se destina somente ao público acadêmico, mas ao público em geral, que possivelmente não sabe o que esse termo significa.

Por fim, há uma explicação sobre a diferença entre História e Memória, as quais dão embasamento ao livro. Por isso, é importante que o leitor entenda de onde foram retiradas todas as histórias.

A introdução tem o objetivo de apresentar e mostrar de forma simplificada a fundamentação teórica do livro, com a diferença de utilizar uma linguagem informal e até próxima à oralidade, como se fosse uma conversa com o leitor, fazendo, portanto, com que ele se sinta à vontade com a leitura dos próximos capítulos.

Capítulo 1: A década de 1920

O capítulo 1 é dedicado a uma contextualização histórica da década de 1920. É importante que o leitor saiba o que estava acontecendo no mundo na referida década para entender os acontecimentos específicos, ocorridos nos países do leste europeu, que estavam relacionados com as mudanças pelas quais o mundo passava.

Na década de 1920, as tecnologias ainda eram primitivas se compararmos com o avanço tecnológico dos dias atuais. No entanto, as inovações tecnológicas, a industrialização,

as trocas comerciais ganhavam ritmo. Assim, começava a surgir o que hoje conhecemos por Globalização.

É por conta da Globalização que a Crise de 1929 ocorrida nos Estados Unidos, provocou consequências em quase todos os países, com exceção daqueles que "fecharam suas portas de entrada e saída", como a União Soviética, que naquele ano encontrava-se isolada, desde a Revolução Russa de 1917.

Por isso, não há como estudar a causa da emigração da Romênia, por exemplo, sem entender as causas externas, ou seja, as situações externas ao país que desencadearam uma crise, que por sua vez, levou os habitantes a fugirem. Da mesma maneira, seria difícil entender a causa da Colonização brasileira após o fim da escravidão, em 1889, sem entender o contexto político mundial.

O objetivo do capítulo 1, portanto, é mostrar um breve histórico da década de 1920, mesma década da imigração dos personagens do livro, para que o leitor consiga relacionar as causas e consequências internas e externas à imigração dos povos do leste europeu e à colonização no Brasil.

Dessa maneira, aborda-se de maneira sucinta o período entreguerras e a ascensão de partidos ultranacionalistas ao poder, o Socialismo e a formação da União Soviética, em 1922; a política e economia brasileira da década, com o modelo de agroexportação de monocultura (café), a necessidade de mão de obra para as fazendas, a política do Café com Leite, o Coronelismo e o voto de Cabresto; a crise de 1929; o modernismo e a Semana de Arte Moderna, de 1922.

Capítulo 2: Rússia

O capítulo 2 é dedicado exclusivamente à Rússia, contextualizando o leitor sobre a geografia do país e o Contexto histórico, contando a história de sua formação como unidade territorial até o surgimento da grande potência socialista, em 1917.

O objetivo do capítulo é mostrar ao leitor como a Rússia conseguiu conquistar tantas áreas de influência e como conseguiu dominá-las, de maneira que muitas das áreas subordinadas só conseguiram tornar-se independentes em 1991, após o fim da União

Soviética. O capítulo também mostra a ascensão e a queda dos czares Absolutistas e a ascensão e queda do Socialismo e como esse país tornou-se tão poderoso, colocando medo em países Capitalistas poderosos, como os Estados Unidos.

Uma ressalva sobre o capítulo é a de que ele é o único entre os capítulos com nome de país que não tem personagem. Isso se deveu ao fato de que nenhum dos entrevistados do projeto é descendente direto de russos, embora a Rússia tenha dominado os países da descendência dos imigrantes.

Sendo assim, o capítulo mostra o mapa da Rússia e dos países com os quais faz fronteira e discorre sobre a geografia russa, com dados de extensão territorial e número de habitantes.

Posteriormente, há a contextualização histórica que começa com a formação da Rússia enquanto país, ocorrida em 862 D.C. No entanto, a Rússia ganhou importância no contexto mundial com a Dinastia Romanov, quando ocorreram as primeiras tentativas de expansão territorial e política, no século XVI. Tal política fez com que a Rússia se envolvesse em uma série de guerras, a fim de conquistar e anexar novos territórios e áreas de influências, como a Bessarábia, a Letônia, a Ucrânia e a Romênia, países que também são abordados no projeto.

No entanto, os abusos de poder da Monarquia e dos nobres, aliado à vida miserável dos camponeses e o surgimento de uma classe igualmente miserável nas cidades, a dos proletários, começava a despertar a ira de rebeldes e pensadores que, a exemplo do que acontecera na França com a Revolução Francesa, desejavam mudar o sistema político-econômico operante na Rússia.

É nesse contexto de miséria, guerras e fome que começam a acontecer as primeiras emigrações russas, no século XIX. Segundo Rossii (2001, p. 29) "entre 1861 e 1915 deixaram a Rússia cerca de 4.200.000 de pessoas das quais 94% foram para o Novo Mundo". Ainda de acordo com o Memorial do Imigrante de São Paulo, de 1870 a 1953, 118.600 imigrantes provenientes da União Soviética vieram para o Brasil².

Segundo a tese de mestrado de Alexandre Vorobieff, entre 1870 a 1953 ocorreram três ondas imigratórias de russos para o Brasil, sendo a primeira, em 1905 em decorrência da Guerra Russo-Japonesa, da qual a Rússia saiu derrotada e devastada. A segunda onda

² Dados do Memorial do Imigrante de São Paulo.

imigratória ocorreu em 1917 por conta da Revolução Russa, quando milhares de opositores do regime foram expulsos do país. Segundo Vorobieff (2006, p. 25) "No período, houve uma nova fuga do país composta por velhos crentes, mas a maior parcela de migrantes era composta por membros do exército branco".

E por fim, a terceira onda imigratória ocorreu entre 1946 a 1950, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, sendo muitos desses imigrantes, russos da "Rússia Chinesa", que fugiram do jugo soviético chinês, que acabara de ser implantado por Mao Tsé Tung.

Foi a segunda onda imigratória russa, que também atingiu os países vizinhos, controlados pela Rússia, que o projeto estudou. Ou seja, os imigrantes que fugiram de seus países por conta da imposição do Socialismo ou de perseguições religiosas.

As revoltas contra o czar começaram no campo, em 1905, já que a população russa era essencialmente rural. Segundo Hoetzsch (1966, p. 105) "mesmo em 1914, numa população de quase 170 milhões não se contaria mais do que três milhões de trabalhadores industriais".

Os camponeses chegavam a comentar que mereciam ganhar todos os bens retidos nas mãos dos nobres, obtidos com o trabalho de seus ancestrais. Em reuniões, começavam a exigir a retirada de alimentos guardados nas casas dos senhores de terra. Famintos e irritados, começavam a invadir as propriedades, às vezes com muita violência, chagando a incendiar as casas e até a matar seus donos. (Bytsenko, 2006, p. 21).

Logo, as revoltas chegaram às fábricas, onde os trabalhadores urbanos haviam se organizado nos sovietes (pequenas unidades trabalhistas, corporações, onde os operários regulavam e controlavam a produção por conta própria) e logo planejavam a grande Revolução que expulsaria o czar Nicolau II do poder.

Ainda em 1905, época da Guerra Russo-Japonesa e das Revoltas Camponesas, uma série de acontecimentos provocou ainda mais a revolta dos trabalhadores, sendo a principal deles, a entrada do país, já arrasado pelas outras Guerras e pela fome, na Primeira Guerra Mundial.

Enquanto isso, o Partido Social Democrata Russo, discutia a melhor maneira de destituir o czar do Poder. Em 1903, havia duas alas no PSDR: a dos Mencheviques, que eram minoria e propunham uma Revolução lenta e gradual, passando por um período capitalista antes de impor o Socialismo, e a dos Bolcheviques, que eram maioria do partido e propunham

uma mudança rápida, que retirasse a Monarquia do Poder e instaurasse de uma só vez o Socialismo.

Em 1917, a situação estava tão caótica que 200 mil trabalhadores entraram em greve no dia 18 de março, em São Petersburgo. Somente no dia 25 de outubro daquele ano, Lênin, líder dos bolchevistas, conseguiu com a ajuda dos membros dos soviets, tomar o poder e instaurar o Socialismo no país.

Em 1918, a Rússia assinou o tratado de Brest-Litovski, no qual saía da Guerra e assumia a perda de territórios como a Finlândia, os países Bálticos, a Polônia, a Bielorrússia e a Ucrânia. No entanto, em poucos anos, Stalin, sucessor de Lênin, conseguiria reaver os territórios que perdera na Segunda Guerra Mundial. Antes disso, Lênin criou um bloco para agrupar os países parceiros do Socialismo: a União Soviética, que conseguiu incorporar 15 países (República Socialista Soviética da Armênia, RSS do Azerbaijão, RSS da Bielorrússia, RSS da Estônia, RSS da Geórgia, RSS do Cazaquistão, RSS do Quirguistão, RSS da Letônia, RSS da Lituânia, RSS da Moldávia, RSFS da Rússia, RSS do Tadjiquistão, RSS do Turcomenistão, RSS da Ucrânia, RSS do Uzbequistão) até o final de 1945, situação que permaneceu até a destituição do bloco, em 1991.

Capítulo 3: Bessarábia

O capítulo 3 de *Histórias que a Revolução não permitiu contar* é dedicado à Bessarábia, região que pertenceu à Moldávia, à Rússia e à Romênia e que hoje já não existe mais com esse nome.

O começo do capítulo, como os demais, mostra o mapa da região e localiza o leitor com dados geográficos, como a extensão territorial e números de habitantes que o território chegou a abrigar.

Há também uma breve contextualização histórica para que o leitor entenda a trajetória da região como território independente e como região dominada pelos países citados anteriormente.

A Bessarábia, na realidade, era um principado da Moldávia, que se tornou "Bessarábia", somente em 1812, quando o território passou a ser controlado pela Rússia. Em 1918, após a rendição russa na Primeira Guerra Mundial, a Bessarábia passou a pertencer à Romênia, situação que permaneceu até 1940.

Na Segunda Guerra Mundial, a Rússia, já como União Soviética, conseguiu reaver o território, que passou a ser de domínio da República Socialista Soviética da Moldávia, país que se tornou independente em 1991.

Essa é a razão de o passaporte de muitos imigrantes estar com a cidadania da Romênia, como é o caso de Andrei e Eugênia Greco, que emigraram, em 1926, de uma cidadezinha da Bessarábia chamada Bender ou Tighina. Por tal razão é também difícil encontrar a localização correta da cidade ao procurá-la na Romênia atual, pois a cidade encontra-se na Moldávia.

Depois da contextualização, a história ganha seus primeiros personagens: a família Nikitova, composta por Dimitri, Matrona, Nicolai, Jacob e Evfrosinia e a família Grek, composta por Andrei, a esposa e os filhos. Ambos eram camponeses e levavam uma vida miserável no campo, cercada de privações e da opressão do governo.

Uma outra história conta com Wladimir, Maria, Ana, Alisandra e Pelagheia Stamatow, que também era composta por camponeses, mas em situação um pouco melhor que a dos outros.

O capítulo descreve o cotidiano dos personagens, relembra histórias de família e propõe diálogos, que enriquecem a trama. O desenrolar dos fatos mostra porque e quando tais personagens decidiram emigrar para o Brasil.

Capítulo 4: Letônia

O capítulo 4 do livro-reportagem é dedicado à Letônia e aos emigrantes que vieram morar no Brasil. Assim como os outros capítulos, os primeiros parágrafos são dedicados à geografia do território para que o leitor se situe onde está localizada a Letônia e qual é a população total desse país. A seguir há uma contextualização histórica que mostra o trajeto da Letônia desde a sua formação até a conquista do país como território independente.

Dentre todos os países abordados no livro, a Letônia é o que mais se diferencia dos demais por ter como causa principal da emigração, a perseguição religiosa, e não política, como nos demais.

A religião luterana foi imposta pelos Alemães, que dominaram a região do século XIII ao século XIV, sendo expulsos, em 1889, pelos Russos, que tinham intenção de exercer influência sobre aquela área, seguindo os planos de russificação, impostos pela Monarquia czarista.

No entanto, os letos entraram em contato com a religião Batista por meio de Fricis Jekovsens, que voltou da Guerra da Crimeia, em 1855, pregando essa nova religião, cujo um de seus dogmas é a igualdade entre todos. Ou seja, naquele contexto, a igualdade entre servos e senhores. Por isso, a 'boa nova' se espalhou rapidamente pelo território, atraindo novos fiéis, sobretudo os camponeses que queriam livrar-se da vida de opressão.

Os senhores de terra alemães e a Igreja Luterana tentaram barrar o avanço da nova religião, perseguindo e prendendo os opositores da religião imposta. Por tal motivo, começaram a ocorrer as primeiras emigrações letas, que naquele momento ainda não se encaminhavam para o Brasil, mas para regiões desabitadas da Rússia, como a de Novogorod. Segundo Bytsenko (2006, p. 30) "estima-se que, somente na Letônia (na época parte da Rússia), durante a I Grande Guerra, um terço da população emigrou, foi deportada para o interior da Rússia ou morreu em combate".

Além disso, os pastores da Igreja Batista faziam profecias em seus cultos, anunciando a chegada de uma terra prometida para os fiéis, onde não houvesse perseguição nem violência. Poucos fiéis não acreditaram nas palavras dos pastores, que por sua vez, mantinham estreitos laços com letos já imigrados no Brasil com ligações com o governo brasileiro, como foi o caso de Janis Inkis.

O pastor Janis foi o líder espiritual e guia dos letos que emigraram para o Brasil em 1922, a fim de fundar a colônia de Varpa, atual distrito de Tupã. Ele era cunhado do leto Julijs Malvess, que havia chegado ao Brasil em 1905, ainda criança. Na década de 1920, conversou com Carlos Botelho, secretário da agricultura de São Paulo, e pediu-lhe que transferisse a colônia de letos Rio Novo, de Santa Catarina, para São Paulo. Em troca, ele trabalharia como agente de imigração na Letônia e ficaria encarregado de trazer letos para fundar a colônia de Varpa.

Deu certo. Em novembro de 1922, cerca de 400 famílias letas, de acordo com entrevista com descendentes diretos desses imigrantes (no apêndice), desembarcaram no Brasil para fundar a colônia leta em Varpa.

O capítulo conta a história de Pedro (nome fictício) que veio com a família nessa primeira leva de 1922 e de Ana (nome fictício) e seus dois irmãos, que vieram para o Brasil somente em 1926. Assim como o capítulo anterior, há descrição de hábitos, muitos deles ligados à religião, cotidiano dos personagens, histórias de família e falas. Da mesma maneira,

o desenrolar dos fatos mostra o motivo de os personagens terem decidido emigrar para o Brasil.

Capítulo 5: Romênia

Seguindo os capítulos anteriores, em "Romênia" há uma breve contextualização sobre a geografia local, que mostra ao leitor as fronteiras territoriais e marítimas e fornece dados, como a extensão territorial e o número atual de habitantes.

Depois, há uma contextualização histórica que conta a trajetória do território enquanto união da Moldávia e da Valáquia e enquanto país independente.

A Romênia originou-se a partir da união dos Reinados da Moldávia e da Valáquia, em 1877, sendo que antes tais Reinados eram independentes um do outro, mas tinham parte de seus territórios ocupados pela Rússia, pelo Império Austríaco e pela Bessarábia.

Em 1848, com a Primavera dos Povos (movimento revolucionário iniciado pela burguesia e pela nobreza que buscava reformas políticas e econômicas em toda a Europa), a Moldávia, a Valáquia e ainda o Reinado da Transilvânia, buscaram sua independência, mas não conseguiram.

Somente em 1877, após vencer a Guerra russo-romeno-turca, a Romênia conseguiu sua independência, sendo reconhecida em 1878, pelo Tratado de Berlim.

Em 1916, a Romênia entrou para a Primeira Guerra Mundial ao lado da Tríplice Entente (França, Inglaterra e Rússia) e conseguiu anexar os territórios da Transilvânia, Bessarábia e Bucóvina, permanecendo assim até 1940. Após esse período, a União Soviética conseguiu transformar a Romênia em área de influência e destituiu a Monarquia do país em 1947, impondo o Socialismo, que perdurou até 1991.

Após o contexto histórico, há a introdução de personagens, sendo formados pela família Zelezow: Feodor e Anna com os filhos, o pai de Feodor e o tio de Anna, Stefan. O capítulo conta a história da família desde o sobrenome, que significa "ferreiro" e como foi originado, até os fatos que os levaram a decidir emigrar para o Brasil. Há também descrições de ambientes, hábitos da família, histórias que foram passadas de geração a geração e até episódios envolvendo os soldados Comunistas.

É interessante observar neste capítulo como a memória coletiva influenciou os descendentes desses personagens. Enoch Gelezoglo, neto de Anna e Feodor, revelou na entrevista que não acredita ter havido Ditadura Militar no Brasil por acreditar que "não existiu no mundo época pior e de mais repressão que a do Socialismo". Esse ponto de vista fica

retratado no capítulo, à medida que os personagens sofrem represálias constantes de tais soldados "truculentos" e decidem fugir por medo da violência.

Capítulo 6: Ucrânia

O primeiro parágrafo do capítulo é dedicado a situar o leitor sobre a geografia da Ucrânia, mostrando a localização, com quais países faz fronteira, o tamanho territorial e o número de habitantes. A seguir, é apresentada uma breve contextualização histórica, contando a trajetória do país: da formação do território até à conquista da independência.

A história da Polônia é marcada por guerras de nações vizinhas que buscavam o controle do território ucraniano. No século X e XI, o território era um principado, chamado Rússia Kievena, cuja capital era Kiev. Entre 1300 a 1600, o território foi invadido pela Polônia e Lituânia, que tornaram o Catolicismo a religião oficial, em oposição à religião Ortodoxa, que era a da maioria da população.

Já no século XVI, surgiram os cossacos, um grupo de ex-servos ortodoxos que se uniram, formando um poderoso exército militar. Em 1648, os cossacos destituíram o Rei João II Casimiro e o território passou a ser dividido entre Polônia e Rússia, essa já no processo de extensão territorial.

No século XVIII, a Polônia foi invadida pelo Império Austríaco e pela Rússia, fazendo com que a Ucrânia passasse a ser dominada pelos dois últimos.

Somente em 1917, com a Primeira Guerra Mundial, a Ucrânia buscou sua independência, uma vez que tanto a Rússia quanto o Império Austríaco se encontravam devastados pela Guerra.

A Ucrânia chegou até mesmo a formar a República Popular Ucraniana Ocidental, mas por pouco tempo, pois a Polônia, em 1919 entrou novamente em guerra contra a Ucrânia para tentar reaver os territórios que conquistara antes. Em 1922, houve um acordo entre as duas nações e o território terminou dividido entre Segunda República Polonesa, parte que coube à Polônia e República Socialista Soviética Ucraniana, parte que coube à União Soviética.

Somente em 1991, com o fim da União Soviética, a Ucrânia conseguiu conquistar sua independência.

No decorrer do capítulo há uma história com um personagem fictício, Janes Zints, que foi criado para complementar e acrescentar informações dos parágrafos anteriores. Tal criação justifica-se pela falta de personagens e fatos históricos descritos nas entrevistas com relação a acontecimentos passados na Ucrânia, uma vez que somente uma entrevistada (Zina Diacov)

tem descendência de ucranianos, por parte de mãe; já que por parte de pai, sua descendência é da Bessarábia.

Contudo, a Ucrânia também teve sua história marcada pela emigração, uma vez que o território estava inserido no contexto de perseguição política e religiosa, complementando os demais capítulos, e isso justifica a criação do personagem.

Na trama, Janes entra em contato com um agente de imigração brasileira que o convida para morar na colônia de Nova Odessa, em São Paulo, a qual foi imaginada para o personagem devido a sua importância enquanto colônia de russos (a Ucrânia era subordinada da Rússia), formada pelos velhos crentes, ou seja, judeus.

O capítulo também retrata um pouco do processo de imigração, desde as propagandas do governo brasileiro em terra estrangeira, ao contato com o agente de imigração e a vinda ao Brasil. Fica muito claro que as propagandas eram um tanto quanto exageradas e não correspondiam à realidade, o que muitos imigrantes só descobriram ao chegar ao país.

Por isso, a história de Janes Zints, retrata muitas histórias de imigrantes que poderiam ter sido contadas, mas não foram: a história de um jovem que foi atrás do sonho de viver em um lugar melhor, onde ganharia bastante dinheiro e seria feliz, vivendo de maneira diferente de sua realidade.

Em 24 de maio de 1905, pelo Decreto de Nº1286, foi criado o Núcleo Colonial Nova Odessa para agricultores russos (esse nome surgiu da visita de Carlos Botelho à cidade de Odessa, na Ucrânia); ainda naquele mês chegaram a Santos, famílias de judeus da Rússia. (Bytsenko, 2006, p. 36).

Capítulo 7: A Viagem

O capítulo 7 é dedicado aos momentos finais dos imigrantes nas suas terras e à viagem de navio.

É interessante notar que cada um deles teve reações diferentes ao saber que iria partir: uns gostaram de imediato, ao passo que outros não gostaram; uns sentiram que teriam paz em suas vidas, outros ficaram em dúvida. No entanto, o ponto comum entre todos era que se sentiam inseguros com a violência e a fome que acometera suas nações e concordaram que havia chegado o momento de partir para uma terra onde houvesse liberdade.

O capítulo segue com o embarque de trem para Riga, capital da Letônia, para os descendentes que eram de outros países, e de lá, todos pegariam o navio Arlanza no dia primeiro de março de 1926, com destino ao Rio de Janeiro, Brasil.

A intenção do capítulo é mostrar como eram essas viagens de navios de imigração e quanto tempo elas duravam. Há uma discrepância entre os dados divulgados pelos entrevistados e o livro, já que nem todos saíram naquela data e com o mesmo vapor. No entanto, centralizei a escolha da data e do navio nas entrevistas de Ana Greco, filha de Andrei e Eugênia e Vera Zander, filha de Andrei e Pelagheia Stamatow, cujos documentos mostravam tais datas e nomes.

Havia muitos outros navios que partiram em outras datas e em outros portos, com destino tanto ao Rio de Janeiro quanto a Santos. No entanto, o objetivo é mostrar de maneira geral as características principais dessas viagens.

Cabe a ressalva de que os descendentes não souberam localizar com exatidão o porto de partida de seus descendentes, o que dificultou o trabalho. Recorri à tese de Alexandre Vorobieff, que traz os principais portos de embarque de emigrantes russos, em diferentes épocas, inclusive na década de 1920, sendo cabível com o contexto do livro-reportagem devido a curta distância geográfica dos países com tais portos.

De acordo com Vorobieff, os principais portos de embarque eram: São Petersburgo, na Rússia, no período de pós-Revolução; os portos dos países Bálticos (Letônia, Estônia, Lituânia) na década de 1920, daí a opção por Riga como ponto de embarque; Bremen, na Alemanha, na década de 1940; Gênova, na Itália na mesma época e Sevastopol, na Ucrânia, no pós-Revolução.

As histórias que se passaram no navio foram todas contadas pelos entrevistados, e, ao contrário do que eu imaginava, a maioria não foi maltratada, tampouco passou fome ou ainda teve que vir escondido. Ao contrário: para muitos, a viagem foi boa e proporcionou ainda mais expectativas positivas sobre o Brasil.

Capítulo 8: Novos Rumos

A intenção do capítulo 8 é mostrar os rumos que os personagens tomaram ao chegar ao Brasil, desde a passagem pela Hospedaria do Imigrante até o encaminhamento para os locais onde viveriam.

Outro ponto que descobri somente depois de ter realizado as entrevistas e após a leitura das teses de mestrado foi sobre a passagem obrigatória dos imigrantes pelas Hospedarias de Imigrantes.

Era lá que eles eram recebidos pelos brasileiros e onde se acomodavam e se alimentavam pela primeira vez no Brasil. Tanto a Hospedaria de São Paulo (para onde os

imigrantes eram enviados após desembarcarem em Santos) quanto a Hospedaria da Ilha das Flores, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, eram locais amplos, que contavam com uma ampla infraestrutura, com médicos, enfermeiros, cozinheiros e outros funcionários para atender aos recém-chegados no Brasil.

Se houvesse entre eles, doentes, eles eram encaminhados para a ala médica das Hospedarias e poderiam ficar ali por até 40 dias, período chamado de "quarentena", para só depois serem enviados às fazendas ou às colônias.

Os próprios fazendeiros enviavam agentes para escolher famílias que ainda não tinham nenhum contrato estabelecido no país. Normalmente, os fazendeiros escolhiam famílias inteiras para trabalhar em vez de homens solteiros porque elas eram mais estáveis e criavam menos confusão.

Portanto, as Hospedarias eram locais preparados para atender aos imigrantes, que em grande parte, acabavam se decepcionando ao chegar às fazendas onde trabalhariam com a lavoura, ao notar a diferença do meio rural com o acolhimento da hospedaria.

Além disso, muitos deles acabaram se decepcionando ao descobrir no Brasil que teriam de trabalhar por dois anos seguidos antes de conseguir sua própria terra e também se decepcionavam com a nova moradia, que nem sempre estava preparada para a recepção deles. Segundo Vorobieff (2006, p. 40) "em cada localidade, a recepção dos imigrantes era diferente, em alguns casos foram oferecidos aos imigrantes as antigas senzalas, ou acomodações semelhantes".

A sensação de terem sido enganados pelos agentes de imigração era frequente e isso é retratado no livro, mas não havia solução: sem dinheiro para voltar, os imigrantes teriam de se conformar com a nova vida por pelo menos dois anos.

Capítulo 9: A vida no Brasil

O capítulo 9 é dedicado a contar a vida dos imigrantes nos primeiros anos após a chegada ao Brasil: a família Zelezow foi para a fazenda Palmito, no município de Orlandia – São Paulo - trabalhar com café; a família Stamatow permaneceu no Rio de Janeiro, onde comprou um sítio em Campo Grande; a família Nikitova foi para uma fazenda em Olímpia – São Paulo - trabalhar com café; Janes Zints seguiu para a colônia Nova Odessa e Ana e os dois irmãos partiram para Varpa.

O capítulo faz uma descrição extensa sobre a colônia de Varpa, já que foi lá que a grande maioria dos imigrantes da Letônia e povos do leste europeu se concentraram. Varpa

foi fundada no dia 1º de novembro de 1922 por 400 famílias letas que chegaram ao local guiados pelo pastor Janis Inkis. O local, atualmente, é distrito de Tupã, localizado a 22 Km de distância e fica às margens do Rio do Peixe.

Os primeiros imigrantes criaram uma "caixa comum" ainda na Letônia, onde colocavam uma determinada quantidade de dinheiro. Aqueles que não tinham posses emprestavam dinheiro da caixa para viajar ao Brasil. Ao chegar a Varpa, se depararam com mata virgem e situação precária: não havia casas prontas ou infraestrutura, de maneira que os primeiros letos tiveram de se unir para construir tudo.

O dinheiro da caixa foi novamente usado para que eles erguessem as primeiras casas, ainda que rústicas, as primeiras pontes e o templo Batista, que só ficaria pronto em 1931. Não havia naquele momento distinção de sexo e de classes: todos deveriam ajudar nas tarefas: homens e mulheres, crianças e adultos, pessoas de classes baixas e altas.

No primeiro ano, os recém-chegados foram abrigados em sete barracões com seis metros de largura por vinte de comprimento. Já as primeiras casas foram construídas com paredes de barro e telhados de tabuinha. Tudo era bastante rústico devido à falta de ferramentas.

No entanto, de acordo com o relato cedido pelos descendentes dessas famílias, o clima era de cordialidade, respeito e alegria: afinal estavam em uma terra onde eram livres e poderiam realizar seus cultos sem serem perseguidos.

Nota-se que aquela sociedade era extremamente religiosa, sendo que a cultura, a política e a economia ali desenvolvida eram permeadas pelos preceitos religiosos Batistas.

Em 1926, Varpa já se encontrava bastante diferente do primeiro ano de fundação e os lotes de terras já haviam sido divididos entre os imigrantes, sendo que aqueles que haviam depositado dinheiro na caixa tinham direito de escolher o lote onde construiriam suas casas e os outros, ficariam com um lote mediante sorteio.

O capítulo revela outros detalhes da vida em Varpa e mostra a evolução da colônia desde a sua fundação até a chegada de novos moradores, em 1933.

Enquanto isso, as famílias que estavam trabalhando nas fazendas de café puderam tomar novos rumos após o período de dois anos da chegada: os patriarcas da família Nikitova decidiram voltar para sua pátria e nunca mais voltaram ao Brasil. A filha do casal, Eugênia (tratada em grande parte com seu nome original, Evfrosinia) se casou e permaneceu no país.

As migrações entre os imigrantes eram comuns no país, uma vez que eles buscavam fazendas onde pudessem ganhar mais e juntar dinheiro para comprar um pedaço de terra para viver por conta própria.

O final do capítulo mostra essas migrações internas nos anos seguintes à chegada dos imigrantes no Brasil.

Capítulo 10: Mais que imigrantes: brasileiros!

O último capítulo de *Histórias que a Revolução não permitiu contar* mostra a trajetória dos personagens nos anos posteriores à chegada ao Brasil e a evolução de Varpa, enquanto colônia.

Em um dado momento, três das cinco famílias de personagens se encontraram em Varpa, onde compraram um lote de terra para morar. O capítulo mostra a percepção de cada um sobre a colônia.

Enquanto uns gostaram do local e nunca mais saíram de lá, outros não conseguiram se acostumar e após breve período, deixaram o local, como foi o caso de Eugênia e Andrei que, nas palavras da filha, Ana, "acharam que a terra era ruim". Já a família Zelezow gostou tanto, que aumentou o sítio e ainda se converteu da religião Ortodoxa para a Batista.

O capítulo ainda mostra outras histórias dos personagens e revela detalhes sobre a colônia, como economia e cultura. Para finalizar, há um breve histórico da trajetória de vida dos personagens, revelando seus últimos passos.

O que fica muito claro ao longo do livro e é ressaltado no final do último capítulo é que, embora os imigrantes viessem para o Brasil com a falsa ilusão de que ganhariam um pedaço de terra e ficariam ricos, a maioria jamais quis abandonar o país, mesmo a custo de muito trabalho, porque prezavam, acima de tudo, pela liberdade. Quanto a isso, eles estavam certos: só encontrariam liberdade, no mais amplo sentido da palavra, em 1991, quando suas pátrias mãe tornaram-se independentes.

Produto

O livro-reportagem surgiu a partir de um novo tipo de jornalismo que começou a ser praticado na década de 1960 e 1970, o *New Journalism*. Gay Talese, Tom Wolf, Norman Maile e Truman Capote foram os principais expoentes do gênero, que mescla a prática jornalística com a literatura. Segundo Lima (1998, p. 45) "o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos".

No Brasil, Caco Barcellos e Eliane Brum são uns dos representantes do gênero, que utiliza os métodos da grande reportagem para aprofundar fatos cotidianos, notícias ou matérias frias que não cabem em outros meios impressos, como jornal e revista, que determinam ao jornalista a quantidade de caracteres para determinado texto.

O livro-reportagem aproxima-se da literatura à medida que esse texto permite uma densidade psicológica de personagens ou fluxo de consciência, ou seja, permite saber o que o personagem pensa, a descrição detalhada de ambientes, hábitos, costumes, vestuário; de maneira que o leitor entenda aquela situação narrada na obra; construção cena a cena (o modo como a narração é organizada leva a crer que os fatos acontecem no tempo presente). O texto tende ao ficcional: o que determina a grande diferença da literatura para o livro-reportagem é que nesse as histórias são reais, sendo apenas um aprofundamento das grandes reportagens.

De acordo com Edvaldo Lima, doutor em ciências da Comunicação e autor do livro *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, o livro-reportagem tem a função de preencher as lacunas que os outros meios impressos, como jornal ou revista, não conseguem desenvolver.

Jornalismo literário é a modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo. (Lima, 2009: online)

Sendo um produto do jornalismo, o livro-reportagem deve seguir os mesmos caminhos que a reportagem, desde a sua criação até a sua edição, levando em conta, portanto, a criação de pauta, pesquisa de fontes, pesquisa de campo, entrevistas, produção, revisão e edição. No

entanto, normalmente, quando um jornalista vai escrever um livro-reportagem vive intensamente a história que vai contar. Muitos deles chegam até mesmo a passar longos períodos com suas fontes para viver a realidade de seus personagens. Caco Barcellos, por exemplo, conta a história do traficante Marcinho VP no livro *Abusado – O dono do Morro Dona Marta*. O jornalista passou meses vivendo com o traficante na favela Santa Martha e chegou até mesmo a acompanhá-lo em sua fuga para a Argentina. Dessa maneira, o jornalista conseguiu fazer um retrato de seu personagem bastante verossímil e próximo à realidade.

As questões éticas relacionadas à produção da reportagem são as mesmas para o livro-reportagem: o jornalista não pode colocar em risco a integridade das fontes, deve consultá-las antes de publicar qualquer informação de caráter duvidoso e ainda deve tomar cuidado para não colocar sua opinião no texto.

Diferente do texto para jornal, que trabalha com o imediatismo, atualidade e periodicidade; o livro-reportagem goza de uma autonomia que lhe permite trabalhar tanto com o factual quanto com o não-factual, aproveitando pautas antigas que não tiveram espaço na mídia tradicional, as quais podem ser resgatadas e aprofundadas. A linha editorial é livre, sendo que o autor, desprovido de um veículo de comunicação, pode escrever da maneira que lhe for conveniente.

O livro-reportagem não precisa tratar necessariamente de um assunto de gênero informativo, mas também pode se utilizar dos gêneros investigativo, opinativo, interpretativo e até diversional.

A linguagem do livro-reportagem deve obedecer aos parâmetros do jornalismo impresso, sendo que deve haver um equilíbrio entre o formal e o informal, ao mesmo tempo em que o autor poderá utilizar recursos literários no texto e desenvolver seu próprio estilo. Caberá a ele também escolher o tipo de narração presente na obra: narrador em terceira pessoa onisciente ou não onisciente.

Deve-se considerar ainda que existem diferentes tipos de narrativas dos livros-reportagens que ganharam classificações, propostas por Edvaldo Lima: livro-reportagem-perfil ou livro-reportagem-biografia, que procura dar voz e contar a vida tanto de uma figura pública quanto a uma pessoa anônima; livro-reportagem-depoimento, que explica um fato histórico a partir de determinado ponto de vista de uma testemunha; livro-reportagem-histórico, que visa a contar determinado fato histórico sob novos pontos de vista que antes não foram explorados, caso de *Histórias que a Revolução não permitiu contar*.

Projeto Gráfico-editorial

O projeto gráfico-editorial do livro-reportagem *Histórias que a Revolução não permitiu contar* tem um layout simples que foi pensado de maneira a combinar com a proposta literária do projeto: tratar do tema da imigração e colonização de povos do leste europeu no Brasil.

Dimensões

O livro apresenta tamanho 14,8 cm x 21 cm (A5) e foi impresso no papel offset, mais econômico.

Fonte: Adobe Caslon Pro

Por se tratar de um livro com uma grande quantidade de texto corrido (ausência de fotos no meio dos capítulos), a fonte Adobe Caslon Pro é a mais indicada, uma vez que contém: larguras similares, proporção média entre largura e altura, caixa baixa de tamanho mediano, pequenas variações de haste e espaços internos médios. Portanto, a leitura deverá fluir de forma rápida e prazerosa.

Tamanho: 12

O tamanho 12 para essa fonte é um tamanho médio e proporciona uma boa leitura e uma economia de páginas.

A paginação inferior, dedicada às referências, também usa a mesma fonte, com tamanho 10.

Mancha gráfica com margens de 1,5cm

A mancha gráfica de 1,5cm possibilita um descanso para os olhos e também permite que não haja erros de cortes pela gráfica. Além disso, foi utilizada uma margem de segurança de 0,5cm caso uma imagem ou uma firula tenha que sair da mancha gráfica, de maneira que se impossibilitem cortes de texto ou imagem pela gráfica.

Página dos capítulos

Com um total de 45 imagens e 10 capítulos, a ideia inicial era a de colocar uma média

de quatro a cinco fotos por capítulo, deixando a leitura mais atrativa. No entanto, como as fotos estão diretamente relacionadas ao assunto do capítulo, há capítulos com uma quantidade maior de fotos e capítulos com uma quantidade menor, o que inviabilizou a proposta inicial e gerou um desequilíbrio necessário entre texto e imagem.

Em quase todos os capítulos, há um mapa na abertura para que o leitor possa visualizar melhor o tema abordado nas páginas seguintes.

Título do capítulo e subtítulos

O título do capítulo fica na página de abertura e no começo do texto. A fonte utilizada é a mesma do texto, acrescida de negrito, com tamanho 15 e fica do lado direito da página.

Nos subtítulos é utilizada a fonte semibold, com tamanho 12 e fica ao lado esquerdo da página.

Firulas

Há pequenas e discretas firulas em estilo vintage que remetem às décadas passadas, dando um ar 'antigo' ao livro, ao mesmo tempo em que preparam o leitor para uma leitura histórica sobre o passado. Além disso, as firulas deixam as páginas com um ar mais descontraído.

Página de abertura dos capítulos

Na página de abertura dos capítulos foi utilizada a fonte Swerige Script, com tamanho 46. A fonte é clássica e também remete ao passado, ao mesmo tempo em que é um elemento atrativo e de descanso.

Capa

Optou-se por colocar na capa do livro uma foto em preto e branco de uma família, cujo retrato mostra dois personagens do livro. Com o título de *Histórias que a Revolução não permitiu contar*, deduz-se que uma das histórias que o livro traz é a da família que estampa a capa.

A foto, em questão, também está presente no livro e mostra Matrona e Dimitri Nikitova com os filhos, logo após eles voltarem à Bessarábia, depois de terem vivido dois anos no Brasil. O leitor será informado de tais acontecimentos ao longo da obra. Por ser em preto e branco, o leitor também poderá deduzir que os acontecimentos descritos aconteceram

em um tempo distante.

A fonte utilizada no título do livro é CMTiempo, com tamanhos variados.

Fotos e imagens

As fotos estão inseridas nas páginas seguintes à abertura do capítulo.

Todas as fotos e imagens do livro foram enviadas de forma digitalizada pelos entrevistados e autorizadas para uso, salvo às que mostram personagens mundialmente famosos, que foram retiradas da internet e devidamente certificadas quanto aos direitos autorais.

As fotos foram dispostas em tamanhos diferentes, de maneira que possuem qualidades diferentes, por isso, optou-se por deixar as de menor qualidade em tamanho reduzido para não ficarem desfocadas na página.

Todas contam com textos-legendas para que o leitor compreenda sobre o que elas tratam e trazem os devidos créditos.

Foi escolhida a fonte Adobe Caslon Pro, com tamanho 9.

Considerações finais

Na faculdade de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo aprendemos ao longo de quatro anos um pouco sobre rádio, um pouco sobre os meios impressos, dentre os quais jornal e revista, televisão, internet e assessoria de imprensa. No entanto, o livro-reportagem, que é um exercício árduo e complexo do jornalismo, pouco é explorado pelo curso.

Desenvolver o projeto já é um desafio para jornalistas formados, que se acostumam com a linguagem do meio em que estão inseridos, e é um desafio maior ainda para os estudantes de jornalismo, que sequer têm experiência nos grandes veículos de comunicação e ainda menos como escritores. No entanto, realizar um projeto que exija esforço, dedicação, paciência e muito aprendizado, é compensador ao final.

Por isso, acredito que a escolha pelo livro-reportagem como trabalho de conclusão de curso, acrescentou novos conhecimentos técnicos e teóricos para a minha formação, uma vez que tive de recorrer a teorias que pouco haviam sido ensinadas na Faculdade (a disciplina de Língua Portuguesa I aborda um pouco sobre livro-reportagem, ainda que de forma superficial) para inserir no meu próprio livro as técnicas e regras que tanto os estudiosos quanto os grandes escritores ditam para escrever um bom livro-reportagem.

A proposta do trabalho de conclusão de curso foi justamente essa: fazer um projeto que mesclasse os ensinamentos sobre grande reportagem para os meios impressos junto a uma nova proposta e a um desafio: desenvolver um novo olhar sobre um assunto bastante explorado, imigração e colonização no Brasil, por meio da fala daqueles que normalmente são esquecidos nos livros de História.

Esse projeto permitiu não só ter reproduzido tudo aquilo que aprendi ao longo de quatro anos, mas também ter conseguido fazer algo desafiador a mim mesma, incrementando minha formação profissional, social e pessoal.

A opção pelo livro-reportagem também está relacionada ao tema do projeto: imigração e colonização de povos do leste Europeu no Brasil. *Histórias que a Revolução não permitiu contar* não se encaixaria tão bem em outro meio, uma vez que atende aos requisitos propostos por um livro-reportagem como: linguagem desprendida de lead e de regras e que pode ser tanto formal quanto informal, tema factual, de interesse público e com poder investigativo. Ao mesmo tempo, o tema abordado não está relacionado ao imediatismo, podendo ser contado e recontado muitas vezes, a partir de diferentes pontos de vista.

Além disso, somente as grandes reportagens permitem criar personagens com estrutura e densidade psicológica, que contribuem com um enredo mais profundo, lembrando as histórias de ficção. A diferença, no entanto, é que as grandes reportagens retratam personagens e fatos reais, com um toque de ficção.

Cabe a ressalva de que as grandes reportagens estão nos jornais, nas revistas e às vezes confundem-se com documentários. No entanto, se o material a ser desenvolvido render muito conteúdo, então o livro-reportagem consegue abrigar tudo sem dispensar os detalhes.

Já os temas gerais do projeto, imigração e colonização no Brasil, são abordados no curso de jornalismo nas disciplinas de Sociologia, Antropologia e Realidade Socioeconômica, devido à sua importância social no Contexto político histórico brasileiro.

O Brasil é um dos poucos países do mundo que tem uma diversidade cultural tão grande. A razão desse multiculturalismo está relacionada não só ao espaço territorial do país (o quinto maior do mundo em extensão), mas também em razão dos diferentes grupos de imigrantes que chegaram aqui, encontrando brasileiros, índios e negros. Muitos países rejeitaram a mistura entre etnias, inclusive a elite branca do Brasil dos séculos passados, mas isso pouco importou: imigrantes de diferentes nacionalidades misturaram-se entre si e entre os brasileiros e nativos.

Há de se considerar também que, se o país foi 'alvo' da Colonização de outros povos, é porque existiu uma razão que atraísse tais imigrantes, no caso, o fim da escravidão negra no Brasil, tema abordado no capítulo "Produto". Portanto, falar de imigração e colonização no país é entender a trajetória histórica e política do país, e só ao compreender o nosso passado é que podemos compreender a situação política, social e econômica atual e pensar em novos caminhos para o futuro. É dever do jornalista, como comunicador, entender a trajetória de seu país para objetivar seus pontos de vista ao escrever uma notícia ou ao fazer uma reportagem.

Histórias que a Revolução não permitiu contar, portanto, conta por meio de grandes reportagens, diferentes histórias de imigrantes de povos do leste Europeu que emigraram de seus países por questões religiosas ou pela perseguição política e que, no Brasil, deixaram suas contribuições para a nossa Cultura e mostraram uma nova perspectiva tanto sobre a Revolução Russa quanto sobre o Brasil da década de 1920 e 1930, perspectivas que não costumam ser ouvidas pela mídia tradicional.

Referências bibliográficas

- SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil Vol. 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FERRO, Marc. *A revolução russa de 1917*. Paris, 1967.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- MAKHNO, Nestor Ivanonovich. *A "Revolução" contra a revolução: a Revolução Russa na Ucrânia (março 1917 - abril 1918)*. Editora Cortez, 1918.
- GAVROV, Sergey. **Modernização em nome do Império: Aspectos sociais e culturais dos processos de modernização na Rússia**. Moscou: Editorial URSS, 2004.
- NETTO, José Paulo. *O que é Marxismo*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- HOETZSCH, Otto. **A evolução da Rússia**. Editorial Verbo, 1966.
- TURPES, Milia. **Depois do Crepúsculo... Um novo Alvorecer**. 2ª edição. Varpa, JUERP, 1988.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª edição. São Paulo: Manole, 2009.
- VOROBIEFF, Alexandre. **Identidade e Memória da Comunidade Russa na cidade de São Paulo**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- BYTSENKO, Anastassia. **Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX. Visões do paraíso e do inferno**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- REED, John. *Os dez dias que abalaram o mundo*. Nova Iorque: Boni & Liveright, Inc, 1919.
- COCICOV, Jorge. **IMIGRAÇÃO NO BRASIL. BÚLGAROS E GAGAÚZOS BESSABERIANOS**. São Paulo: Legis Summa, 2005.
- VORONOV, Viktor. *Imigração Russa no Brasil*. In: <http://portuguese.ruvr.ru/2009/11/05/2181244.html>.

Fontes consultadas

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro
Memorial do Imigrante de São Paulo
Museu de Varpa/SP

Anexos

Tabela 1 – Número de presos/mortos/libertados/fugitivos russos nas colônias de trabalho de Gulag

Nº de presos 1º de janeiro	Presos em campos de trabalho Gulag	Dos quais Nº de contra-revolucionários	Contra-revolucionários em %	Nº de mortos por ano	Mortos por ano em %	Nº de libertados por ano	Nº de fugitivos por ano	Presos em colônias de trabalho Gulag	Presos em prisões	Total no ano 1º de janeiro
1934	510.307	135.190	26,5	26.295	5,2	147.272	83.490			510.307
1935	725.438	118.256	16,3	28.328	3,9	211.035	67.493	240.259		965.697
1936	839.406	105.849	12,6	20.595	2,5	369.544	58.313	457.088		1.296,49
1937	820.881	104.826	12,8	25.376	3,1	364.437	58.264	375.488		1.196,37
1938	996.367	185.324	18,6	90.546	9,1	279.966	32.033	885.203		1.881,57
1939	1.317,20	454.432	34,5	50.502	3,8	223.622	12.333	355.243	350.538	2.022,98
1940	1.344,41	444.999	33,1	46.665	3,5	316.825	11.813	315.584	190.266	1.850,26
1941	1.500,52	420.293	28,7	100.997	6,7	624.276	10.592	429.205	487.739	2.417,47
1942	1.415,60	407.988	29,6	248.877	17,6	509.538	11.822	360.447	277.992	2.054,04
1943	983.974	345.397	35,6	166.967	17	336.135	6.242	500.208	235.313	1.719,50
1944	663.594	268.861	40,7	60.948	9,2	152.113	3.586	516.225	155.213	1.335,03
1945	715.506	283.351	41,2	43.848	6,1	336.750	2.196	745.171	279.969	1.740,65
1946	600.897	333.833	59,2	18.154	3	115.700	2.642	956.224	261.500	1.818,62
1947	808.839	427.653	54,3	35.668	4,4	194.886	3.779	912.794	306.163	2.027,80
1948	1.108,06	416.156	38	27.605	2,5	261.148	4.261	1.091,48	275.850	2.475,39
1949	1.216,36	420.696	34,9	15.739	1,3	178.449	2.583	1.140,32		2.356,69
1950	1.416,30	578.912	22,7	14.703	1	216.210	2.577	1.145,05		2.561,35
1951	1.533,77	475.976	31	15.587	1	254.269	2.318	994.379		2.528,15
1952	1.711,20	480.766	28,1	10.604	0,6	329.446	1.253	793.312		2.504,51
1953	1.727,97	465.256	26,9	5.825	0,3	937.352	785	740.554		2.468,52

Fonte: The American Historical Review (2000)

Tabela 2 - Tipo de condenação desses presos

Tipo de condenação	Quantidade de pessoas
Pena de morte	799.473
Trabalhos forçados	2.634.397
Exílio	413.512
Outras	215.942
Total	4.063.324

Fonte: The American Historical Review (2000)

Tabela 3 – Razão da morte desses presos

Razão da morte	Quantidade de pessoas
Execução	1,5 milhão
Gulags	5 milhões
Deportados	1,7 milhão
Países ocupados	1 milhão
Total	9,2 milhões

Fonte: The American Historical Review (2000)

Abaixo, a tabela mostra a composição étnica da cidade de Bender, realizada pelo Censo do país, em 1930, que aponta para uma população de pouco mais de 30 mil habitantes, sendo que a maioria era constituída por russos. Havia também, como se pode ver abaixo, romenos, búlgaros, judeus e outros. A variedade de grupos existentes na cidade, possivelmente, tem ver com o fato das constantes reorganizações territoriais pelas quais os países europeus passaram

no século XX.

Tabela 4 – Composição étnica da cidade de Bender (Bessarábia)

Grupo étnico	1930
Russos	15.116
Moldavos	-
Romenos	5464
Ucranianos	-
Rutenos	1349
Búlgaros	170
Gagauzianos	40
Judeus	8279
Alemães	243
Poloneses	309
Armênios	46
Roma	24
Bielorrussos	188
Outros	-
Não declaradas	51
Gregos	37
Húngaros	24
Sérvios, croatas, eslovenos	22
Tchecos, eslovacos	19
Turcos	2
Albaneses	1
Total	31384

Fonte: Censo romeno da População Geral de 29 de dezembro de 1930. Vol. II: Nação, língua, religião.

Bucareste 1938.

Tabela 5 - Quantidade de imigrantes russos no Brasil de acordo com o ano

ANO	RUSSOS	ANO	RUSSOS	ANO	RUSSOS
1884	457	1908	5781	1932	461
1885	275	1909	5663	1933	79
1886	146	1910	2462	1934	114
1887	197	1911	14013	1935	29
1888	259	1912	9193	1936	19
1889	-	1913	8251	1937	52
1890	27125	1914	2958	1938	19
1891	11817	1915	640	1939	2
1892	158	1916	616	1940	17
1893	155	1917	644	1941	23
1894	57	1918	181	1942	-
1895	275	1919	330	1943	-
1896	592	1920	245	1944	20
1897	567	1921	1526	1945	2
1898	258	1922	279	1946	28
1899	412	1923	777	1947	18
1900	147	1924	559	1948	1342
1901	99	1925	756	1949	36
1902	108	1926	751	1950	59
1903	371	1927	616	1951	103
1904	287	1928	823	1952	140
1905	996	1929	839	1953	496
1906	751	1930	2699	1954/1958	91
1907	703	1931	370	TOTAL	46212

**Fonte: Departamento Nacional de Imigração. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil de 1947.
Rio de Janeiro: IBGE, v.8, 1948.**

Apêndice

Entrevista com a Sr^a Ana Greco

Nome completo: Ana Greco

Data de nascimento: 06/04/1943

Local de Nascimento: Olímpia - SP

Descendência: Romenos.

Em que ano os pais chegaram ao Brasil? Março de 1926.

Os seus pais eram Andrei e Eugênia. Como eles vieram parar no Brasil?

Eles vieram para ganhar terras, mas vieram enganados. Eles tinham um contrato no meio do passaporte que dizia que eles iriam ganhar terras. Antes de chegar no porto de desembarque, os passaportes foram recolhidos e os funcionários do navio tiraram aquele contrato. Quando chegaram no Brasil, descobriram que na verdade iriam trabalhar na roça como empregados para fazendeiros. No começo, eles se revoltaram e se recusaram a trabalhar, mas meu avô (Dimitri Nikita - pai da mãe) convenceu todos a trabalhar para não passar fome. No fim, ele trabalhou por dois anos e voltou para a terra dele junto da mulher e de dois filhos. Lá nasceu mais uma criança e meus pais ficaram aqui.

Como foi essa promessa pelas terras? Quem prometeu?

Segundo meus pais diziam, foi o governo do Brasil que queria trazer vários trabalhadores para povoar o país e dar terras. Eles vieram em um navio chique e foram muito bem tratados. Minha mãe dizia que tinha bailes no navio e que ela queria que aquela viagem durasse o resto da vida de tão boa que foi. Mas lá na Romênia, eles estavam bem: tinham terras, casas, animais. Mas gostariam de ganhar terras aqui e por isso vieram.

Mas se eles estavam bem lá por que vieram para o Brasil? Foi por causa da Revolução?

Não, eu acredito que por ganância. Eles queriam melhorar de vida.

O que eles falavam sobre a Revolução Russa?

Eles falaram que depois da Revolução a vida ficou muito cara, que tinha imposto para tudo, até mesmo para ter um cachorro dentro de casa.

Mas então o encarecimento foi decisivo para a vinda ao Brasil?

Não, eu acredito que não. A decisão foi ganhar terra, vieram na ilusão de ganhar mais terras aqui. Deixaram tudo lá, mas o meu avô voltou para a mesma casa onde morava.

Ele voltou depois de quanto tempo?

Depois de dois anos. Trabalhou aqui até ter o dinheiro suficiente pra comprar a passagem e voltar.

O governo não tomou a casa?

Não. Quem perdeu muito lá foi o Tanáz (bisavô) porque ele era muito rico e na época da União Soviética, as terras dele foram divididas porque eram muito grandes.

O que ele tinha?

Acredito que fazendas. Pelo que nós sabemos, ele tinha muitos cavalos. Doou 300 cavalos para a Primeira Guerra Mundial.

Em relação à campanha do Brasil para atrair imigrantes: havia um agente brasileiro na Rússia e Romênia que foi fazer pessoalmente a campanha? Ou havia campanhas nos rádios? Cartazes? Como eles ficaram sabendo?

Isso eu não sei, não fiquei sabendo. Só sei que meu avô era o líder da turma. Eles vieram em 40 famílias e ele organizou tudo, foi atrás dos passaportes de todo mundo.

E essa viagem foi paga pelo governo brasileiro?

Foi. Eles foram muito bem tratados no navio. A minha mãe sempre falava: "eu queria que aquela vida durasse para sempre de tão boa que foi".

A senhora tem mais detalhes sobre essa viagem? Quanto tempo durou? Da onde o navio saiu?

Durou 17 dias. Não sei te dizer de onde saiu, sei que não foi da Romênia porque me lembro da minha mãe dizer que da Romênia até o porto levavam nove dias de trem. Mas não consigo lembrar qual país.

E o desembarque?

Foi no Rio de Janeiro.

E o navio? Era só de imigrantes?

Não sei. Talvez sim porque 40 famílias é muita gente. Eu sei que a comida era boa.

Eles vieram com uma mala com roupa ou trouxeram uma mudança?

Vieram só com a roupa.

Então eles largaram tudo para trás?

Sim, eu acho que alguém ficou tomando conta porque meu avô conseguiu voltar na mesma casa.

Quando eles desembarcaram no Rio de Janeiro o que aconteceu?

No Rio, eles receberam a ordem para ir a uma fazenda trabalhar para um fazendeiro.

Já na alfândega?

É. Aí eles se recusaram porque não tinham ido ali para trabalhar para fazendeiro, mas para ganhar terras. Eu sei que eles brigaram, bateram no fiscal com frigideira... No fim, o meu avô decidiu trabalhar e convenceu o resto do pessoal.

As 40 famílias permaneceram juntas?

Não, o pessoal se espalhou: uns foram para o Rio Grande do Sul, outros foram para a Argentina.

E na alfândega como ficou a questão do sobrenome?

Eu não sei direito, mas eles não foram registrados. Meus pais fizeram os primeiros documentos brasileiros em 1944, quando eles se mudaram para o Paraná. De 1926 até essa data eles usavam os documentos originais, que foram queimados depois.

E quando eles passaram pela imigração?

Eu não sei porque quem cuidava disso era o pai dela (Eugênia), ela mesmo não se preocupava com nada.

Então de 1926 até 1944 como foi a vida deles?

Eles trabalhavam em fazendas e não tinham essa preocupação com documentos.

Estamos falando do Andrei e da Eugênia, pois os pais dela voltaram, certo?

Certo, eles ficaram apenas dois anos e voltaram para lá. Depois disso nunca mais retornaram ao Brasil e perderam o contato depois de 1934.

Por que essa data?

Até 1934 minha mãe recebia cartas, mas aí parece que a alfândega fechou e eles perderam o contato. Nem ela voltou para a Romênia, nem os pais voltaram para o Brasil.

Onde foram parar essas cartas?

Com certeza minha mãe jogou tudo fora.

Como era o trabalho nas fazendas?

Era um trabalho de colono. O patrão dava uma área para cada família trabalhar e cada um recebia tantos mil pés de café. Então cada um cuidava daquela terra. Ali ele tinha direito de plantar arroz, feijão para eles.

E as fazendas eram fazendas de café?

Eram.

E depois da crise do café em 1929, o que aconteceu?

Eles continuaram trabalhando em fazendas, normalmente.

Então o trabalho era igual ao dos imigrantes italianos?

Sim, era a mesma coisa.

Os seus pais não eram casados antes de chegarem ao Brasil. Como eles se conheceram?

Minha mãe veio solteira e meu pai veio casado com os dois filhos. Todos vieram no mesmo navio. Chegando no Brasil a mulher e os filhos morreram.

Mas eles já se conheciam no navio?

Acredito que não, se conheceram aqui depois do desembarque. Quando a mulher e os filhos morreram, como já era de costume, os "velhos" arranjaram o casamento.

E do que eles morreram?

Não sei. Minha mãe contava que 40 crianças morreram quando chegaram aqui, todas de três anos para baixo, mas não sei também do que morreram.

Em que ano os seus pais se casaram?

Em 1927, um ano depois da chegada.

Ela era solteira?

Ela sim.

Como foi o casamento?

O casamento foi feito por um padre ortodoxo. O documento foi escrito em russo e a vida inteira foi o único documento que tiveram juntos, pois não se casaram no civil.

Onde foi o casamento?

Foi em São Paulo. Na época era um dos únicos lugares do Brasil que tinha a igreja ortodoxa. Eles se mudaram para lá um tempo para "tentar" a vida. Meu pai trabalhou em uma fábrica, ele mexia na balança de pesagem, não sei explicar direito. Mas não deu certo: ele ganhava pouco, começaram a ter filhos e acharam melhor voltar para o interior, nas fazendas.

É verdade que eles nunca tinham visto um negro?

O meu pai chegou no Brasil e nunca tinha visto uma pessoa negra. Quando ele viu, gritou: "*karasheitan*", que significa demônio. Ele acreditava que os negros eram o demônio porque onde ele vivia não tinha negro. Ou então "*karacuduce*", que é cachorro preto louco.

E o que eles mais estranharam quando chegaram ao Brasil?

O clima, porque aqui é muito calor. Eu me lembro de eles reclamarem muito do calor. E a falta de sossego também, pois eles não tinham mais a casa deles, moravam em fazenda e lá nada era deles.

Eles nunca falaram de voltar?

Não. Meu pai falava que o Brasil era o melhor país do mundo. Ele realmente gostava daqui. Veio e gostou, assim como os meus tios. Passaram muitas dificuldades, mas gostaram daqui.

Em 1944, a senhora disse que seus pais fizeram documento para se mudar para o Paraná. E depois? O que aconteceu?

Bem, primeiramente eles fizeram o documento porque falaram para eles que, como eles iam mudar de estado tinham que fazer documento. Até então eles estavam em uma fazenda no interior de São Paulo, perto de Olímpia e Severina.

Lá era colônia?

Sim, foi de lá que nós saímos para ir até o Paraná, numa cidade chamada Floristópolis, perto de Londrina.

E no Paraná? O que eles foram fazer?

Trabalhar em fazenda também. Mas dessa vez, era uma fazenda nova. O contrato era diferente: eles tinham que trabalhar por dois anos seguidos e depois deveriam pagar os custos da mudança porque foi o patrão que pagou tudo. No terceiro ano, meu pai pegou empreita de café, era forma de café, e foi nessa forma de café que meu pai ganhou o primeiro dinheiro da vida dele. Lá ele ficou por dois anos: no primeiro ano deu pouco café e o pouco que deu era de quem estava trabalhando. Agora no segundo ano, deu uma colheita muito boa. Foi quando meu pai ganhou dinheiro e conseguiu voltar para o estado de São Paulo comprar um sítio.

E onde era esse sítio?

Na colônia nova russa de Tupã (SP).

Ele comprou o sítio na colônia russa?

Sim.

E como era a vida na colônia russa?

Eles não se deram bem ali porque segundo eles a terra era velha e não dava bons mantimentos. Um ou dois anos depois, meu pai já vendeu o sítio e arrendou um outro. Depois de uns tempos, meu tio André foi para o Mato Grosso e um dia a minha tia voltou no sítio

para passear e encheu a cabeça do meu pai e da minha mãe para sair de lá e ir para o Mato Grosso. Ela dizia que lá a terra era melhor. Aí os dois foram ver, gostaram e compraram um sítio em Douradina (MS) e lá ficaram muitos anos. Depois, mudaram para Naviraí (MS), onde montaram um armazém. Ficaram mais dois anos e de lá foram para Culturama (MS), onde continuaram com o armazém e ficaram até morrer.

E quais são as suas recordações da infância no sítio?

Bem, nós não trabalhávamos, só meu pai e meu irmão Nicolau. Nós tínhamos colegas. Eu aprendi a escrever em São Paulo. No Paraná, eu desisti de ir na escola porque a professora era muito ruim, eu sabia mais que ela.

E como ficou a questão da língua? Vocês aprenderam português ou russo?

Desde criança nós aprendemos português. Não aprendemos a falar a língua do meu pai.

Nada? Nem algumas palavras?

Algumas palavras, sim. Na verdade, a gente entendia tudo que eles falavam, mas não aprendemos a conversar.

Que palavras?

Eu sei mais palavrão (risos...) *Karacuduce*, cachorro preto louco.

Quando seus pais vieram para o Brasil sabiam alguma coisa de português?

Nada!

Como foi o aprendizado então? Será que foram muito enganados?

Eles aprenderam ouvindo mesmo. Foram morar no meio de brasileiros e assim foi, mas falavam mal, tanto é que meu pai morreu sem saber falar direito. Ele falava com sotaque, trocava palavras. Minha mãe aprendeu um pouquinho mais... Uma vez meu pai foi comprar um tamanco em São Paulo e falou para o vendedor: "eu quero um par de batatas" e o homem respondeu: "mas batata a gente vende em quilo". E ele retrucava: "mas eu não quero quilo, eu quero um par de batatas". Aí ele mostrou: "é aquele lá, é batata"... Aí o homem respondeu: "aquilo não é batata, é tamanco"... (risos)

E eles não deixaram nada por escrito em russo?

Não.

Eles eram analfabetos?

Eles eram analfabetos lá, o único que sabia ler era o tio Jacó (irmão da minha mãe). Ele sabia ler.

Eles não se preocuparam em ensinar para vocês o russo ou falar dentro de casa?

Dentro de casa eles falavam a língua deles, mas misturavam muito o português com o russo e nós nos acostumamos a falar português por causa da convivência com as crianças brasileiras.

Mas vocês não tiveram curiosidade de aprender?

Não, o pior é que não.

Eles trouxeram alguma tradição de lá? Tinha algo que continuavam seguindo aqui?

A minha mãe tinha a crença dela, como era lá, ela rezava na língua dela, sempre deixava um altazinho no canto do quarto e todo sábado e véspera de dia santo ela acendia vela e fazia orações.

E a religião era ortodoxa?

Isso. O que muda, basicamente, é que na Ortodoxa não tem batizado, primeira comunhão e crisma. É tudo feito num dia só. Na terra deles, era o padre quem resolvia tudo: ele fazia casamento, preparava documento. Não tinha cartório, tudo era feito na igreja até mesmo o pagamento de impostos.

Mas no interior não tinha igreja ortodoxa. Que religião eles adotaram?

Quando eles saíram de São Paulo, foram conversar com o padre para saber qual religião deveriam seguir já que não havia ortodoxa no interior. O padre mandou eles seguirem a católica que era a mesma coisa. Então, quando os filhos nasciam, eles levavam para batizar e só. Não iam à missa e mais nada. Minha mãe rezava na língua dela em casa.

Vocês não aprenderam nem mesmo a rezar em russo?

Não. Ela não ensinou a gente a rezar. Aprendemos em português mesmo.

Ela não se importava?

Não. Eu aprendi a rezar primeiro porque já sabia ler e minha mãe me fez ensinar meus irmãos mais novos.

Vocês tiveram uma influência forte da religião na criação de vocês?

Não. Acredito que na Rússia, sim, mas aqui não.

E em relação à comida? Tinha alguma coisa de diferente?

Eles comiam muita massa. O principal era pão. Com a massa eles faziam pão doce, salgado. Era uma coisa que não tinha no Brasil. O outro doce tradicional é um doce de abóbora. Com a mesma massa de pão recheava com abóbora, enrolava e servia. Chama *kabaclã plotinta* e o outro é *Ishimiqui plotinta*.

E os hábitos? O que era diferente?

A minha mãe tinha um costume, não sei nem explicar direito, chamava *kurban*. Ela fazia em um determinado dia do ano (não sei dizer qual) um prato diferente e ali colocava tudo que ela tinha feito: o arroz era sem gordura, arroz branco, colocava uma vela e levava para a vizinha (russa também). Aquilo era como um oferecimento pela saúde de alguém, um santo.

Falando da Rússia um pouco. O seu pai era da Sibéria?

Ele nasceu na Sibéria e foi para a Bessarábia. O pai da minha mãe foi para a Primeira Guerra, ele era sargento da Cavalaria. O que eu ouvi dizer é que quando ele voltou da Guerra, ele voltou diferente: já não era o mesmo. Ele voltou bravo, não era mais calmo. Enquanto ele estava na Guerra, era a minha avó quem tomava conta de tudo: das crianças e da lavoura. O sogro dela não ajudava em nada, mas na hora de vender queria vender o produto dela. Ela foi corajosa e não deixou ele vender. Colocou o produto no carroção, pegou o meu tio Jacó e foi vender. O velho ficou com raiva e escreveu para o meu avô, dizendo que a esposa dele não estava obedecendo ninguém e ele prometeu que ia dar uma surra nela porque não estava obedecendo o pai dele. Aí ela contou o que estava acontecendo: eles não ajudavam ela em nada e só queriam pegar o mantimento pronto e vender. Ele acreditou e disse que daquele dia em diante, ela faria o que achasse certo e voltou para a Guerra.

Um fato curioso?

O padre lá era autoridade maior. Como está na bíblia, o padre não tinha salário nem terra para trabalhar. Tudo que ele tinha era a igreja e a casa onde morava. Cada família tinha que dar uma parte do que colhia para o padre. Meu avô ficou com raiva: 'eu não vou dar nada para esse padre vagabundo. Se ele quiser, ele que vá plantar'. E não deu por uns três anos. Mas, um dia ele ganhou uma criança para batizar e foi procurar o padre, que se recusou a batizar a criança. "Não vou batizar essa criança porque você está devendo". Meu avô ficou bravo de novo e resolveu batizar em outra cidade. Quando chegou lá, o padre perguntou onde ele morava. Quando ele disse que não era de lá, o padre disse que ele teria que batizar na cidade dele. Aí ele voltou para a cidade dele e colocou tudo que tinha no carroção e levou para o padre. Só então, ele aceitou batizar. "Tá devendo, não tem direito".

Em relação à educação? Como era lá?

Minha mãe não foi na escola lá. Só foi o meu tio Jacó que era maior. Mulher naquela época não precisava saber ler, esse era o pensamento. Mulher era para casar, tinha que aprender a bordar, costurar, fazer pão, que era o principal. Quando ela soubesse fazer tudo isso, já estava pronta para casar. Os pais arranjavam o casamento. E mais um detalhe: tinha que casar antes dos 19 anos. Era um costume deles.

Como era o dia a dia?

Os homens ficavam responsáveis pela roça e as mulheres ajudavam quando era necessário. Tinha vaca, bezerro para cuidar, tinha bastante serviço. Seis meses por ano nevava e nessa época ninguém trabalhava porque não tinha como e nesse tempo o alimento ficava armazenado para eles e para os animais. Quando passava o frio, a vida voltada ao normal, ou seja, trabalhavam o dobro nesses seis meses.

E o que eles ficavam fazendo no inverno?

Acho que só cuidando dos animais.

E a casa da família como era?

A casa não era bem no sítio, era mais ou menos como na colônia russa. As casas eram todas perto umas das outras, com quintal e tudo, e o sítio era fora. Cada um tinha o seu sítio. A

minha mãe também falava que as casas tinham paredes muito grossas por causa do frio. Era uma casa simples, sei que tinha varanda.

E eram feitas de que?

Eu sei que eles rebocavam com barro e as paredes eram bem reforçadas para não serem derrubadas pela neve. Dentro tinha que ter lareira também por causa do frio.

E a família por parte de pai?

Não tenho muita informação.

A senhora tem um tataravô que fundou uma cidade, chamada Lipstka. Ele tinha poder?

Tinha sim, o Tanáz era o mais rico da cidade e doou 300 cavalos para a Guerra, e por causa disso, o governo mandou para ele uma farda de general com todos os distintivos e dava um salário por mês de general. Minha mãe dizia que ele vestia a farda e ficava todo orgulhoso sentado na varanda.

Eles empobreceram?

Quando entrou o comunismo, o Tanáz perdeu a fazenda. Ela foi dividida. Ninguém podia ficar sem terras, cada um ganhou o seu pedacinho.

O que seus pais falavam sobre a Revolução?

Nunca falaram nada. Meu pai dizia que serviu o governo, numa espécie de Tiro de Guerra, mas não é como aqui, que é só um ano. Ele serviu por mais tempo. O serviço dele era fazer pão. Cada um tinha uma tarefa. Agora o que eu posso garantir com certeza é que a terra que eles tinham, eles não perderam, tanto é que meu avô voltou a morar na casa que ele morava.

O que eles falavam sobre as cidades?

Nunca falaram nada. Acho que eles nunca tinham saído da "toca" até virem para o Brasil.

Eles comentavam alguma coisa sobre a diferença entre os dois países?

Meu pai gostava muito do Brasil. Ele sempre nos falou: "nunca saia do Brasil. O Brasil é o melhor país do mundo". Mas não falava porque, com certeza ele não tinha boas lembranças de lá... Ele gostava muito do Brasil e quando veio para o Mato Grosso gostou mais ainda...

Depois da Revolução Russa, a Rússia tornou-se um país comunista. Em 1964 foi instituída uma Ditadura Militar no Brasil que apoiava os Estados Unidos e "caçava" comunistas. Seus primos não gostavam de falar que eram russos e o sobrenome deles foi trocado na alfândega (Greco é italiano). Sua mãe mesmo se chamava Evfresina e não Eugênia. O que seus pais falavam nessa época, da situação política do país?

A história do sobrenome, não foi porque eles quiseram trocar. Meus pais não sabiam falar português direito, então o que a pessoa entendeu, acabou escrevendo. Ele entendeu Greco e assim ficou, mas com certeza ele falou como era. Mas não foi por querer. Na época militar, eles estavam em Piracicaba – SP - e eu estava no sítio, então eu não sei o que eles falavam.

Mas eles não gostavam de falar que eram russos?

O Nicolau não gostava de falar até os dias perto de morrer.

Por quê?

Não sei, ele não gostava de falar para ninguém que era russo, mas acho que porque a União Soviética era mal vista.

Mas vocês nunca tiveram problema?

Nunca.

É verdade que a mãe do seu pai quase o jogou para um lobo?

Sim. Meu pai quando era pequeno, mudou-se da Sibéria para a Romênia. Ele saiu com a mãe dele e ela viu um lobo. Aí ela segurou ele e disse: 'se o lobo atacar eu vou te empurrar'. Ele contou essa história para a minha mãe. Ele só estava vivo porque o lobo não tinha atacado.

Mas a família não era unida? Tinha algum problema?

Eu não sei. Realmente não sei muito sobre a família do meu pai.

O que eles gostavam de fazer aqui no Brasil?

A vida inteira eles fizeram lavoura.

E de fim de semana?

Domingo era dia Santo. Eles não iam trabalhar, mas ficavam em casa sem fazer nada.

E na Rússia era a mesma coisa? Não tinha uma festa tradicional?

Tinha sim, mas aqui era aquele negócio, eles não eram daqui e não se adaptaram pra se divertir...

Eles se misturavam com os brasileiros?

Não, eles ficavam bem afastados. Acho que eles se achavam diferentes...

Por isso eles foram morar na colônia russa?

É, mas nós ficamos pouco tempo por lá...

E o que você se lembra da colônia russa?

Eu gostava de lá. Era um lugar bonito. Mas a terra não dava nada. E eles eram acostumados a plantar e tirar o dinheiro de lá e ali não deu. Então meu pai vendeu os sítios e arrendou outro sítio bom.

Mas a colônia era como se fosse um universo paralelo? As crianças falavam russo?

Lá dentro tinha uma escola russa, as crianças aprendiam a ler e a escrever em russo e em português também. Na escola de brasileiro, eles eram muito atrasados. No fim das contas, a escola deles acabava atrapalhando a escola brasileira. Eles pareciam ser muito atrasados.

Vocês não foram à escola russa?

Não, meus pais não quiseram.

Na colônia, o que os seus pais e os russos faziam para se lembrar das tradições deles?

Tinha uma igreja deles, que ficava dentro da colônia. Era a igreja Batista. Eu e a Naste (Anastasia – irmã) chegamos a frequentar o culto deles, mas sem seguir. A gente entrava lá, assistia um pouco e ia embora. Mas meus pais não iam.

A impressão que eu tenho é que seus pais não queriam se misturar com ninguém...

Eles não queriam mesmo! Meu pai gostava do Brasil, mas também não fazia questão de se misturar com os brasileiros. E já aqueles russos da colônia não eram conhecidos deles, tinha uma família ou duas só que eram da mesma cidade deles.

E daquelas 40 famílias que vieram junto no navio. Não se soube mais nada deles?

Não. Nunca mais tivemos notícias, elas se espalharam. Umas foram para o Rio Grande do Sul, outras para São Paulo e outras até para a Argentina.

Seus pais eram analfabetos, mas e rádio? Vocês tinham costume de ouvir?

Quando meu pai comprou o primeiro rádio, nós já éramos grandes. Nós morávamos em um sítio arrendado quando ele comprou. Era uma festa! Os vizinhos iam ouvir rádio lá em casa porque nenhum deles tinha.

E o que vocês gostavam de fazer quando eram crianças?

A gente gostava de brincar, mas nossos brinquedos eram todos cacos que a gente achava. Minha mãe comprava uma boneca por ano, era uma boneca de papelão. Mas quando ia dar banho na boneca, ela derretia e era aquela choradeira... Aí minha mãe pegava um sabugo de milho, envolvia com pano e bordava os olhinhos e a boquinha. Essa era a nossa boneca do ano inteiro...

E na colônia? Tinha alguma tradição russa para brincadeira?

Não me lembro de nada.

E festa?

Eles faziam, mas meus pais não se misturavam. A gente até arrumava uns coleguinhas pra brincar, mas era uma parte do dia só.

E aquela fotografia que tem a sua avó com os filhos foi tirada onde?

Foi tirada na Rússia. Minha avó mandou para a minha mãe.

Sua mãe perdeu o contato com a mãe dela após 1934. Ela nunca mais teve vontade de fazer contato de novo?

Às vezes teve, mas ela não falava. Acho que acostumou com a vidinha daqui.

Você pode dizer que seus pais eram pessoas frias?

Nem tanto, acho que foi consequência da vida. Tiveram que acostumar assim e pronto.

Eles foram muito rígidos na educação dos filhos?

Foram. A gente tinha que seguir o que eles falavam. Era bastante rígido. Com certeza foi a educação que eles receberam. E normalmente é assim mesmo: os pais passam para os filhos aquilo que receberam.

Vocês tinham que ajudar na lavoura?

Quando "apertava", principalmente na época da colheita, tinha sim. Ficava só uma pessoa em casa pra fazer comida e cuidar dos animais.

O seu pai então gostou do Brasil e mesmo com uma vida difícil não reclamava?

Não, eu acho que aqui eles tinham mais liberdade.

E nas datas religiosas? Tinha alguma tradição?

Na páscoa minha mãe pintava os ovos. Ela cozinhava e depois pintava, com aquela tinta que ela tinha, nada artístico. Depois a gente comia o ovo pintado e o pão doce que ela fazia que se chamava "*Pasca*", na língua dela. Era muito gostoso.

Isso era uma tradição de lá?

Era sim.

E no domingo de Páscoa vocês tinham alguma obrigação?

Não, minha mãe rezava na língua dela, mas não obrigava a gente a rezar. Nesse aspecto da religião ela não era tão rígida.

Vocês chegaram a passar fome?

Não. Meu pai trabalhou muito na vida e meu irmão Nicolau também.

Quantos irmãos você tinha?

Era o Nicolau, e entre ele e mim, teve duas crianças que nasceram e morreram: um se chamava João e a menina parece que era Maria. Depois teve eu, a Naste (Anastasia), o João e o Sylvio. Todos com diferença de dois anos.

E sua mãe quis colocar nomes russos nos filhos? Anastasia no caso?

Sim. Mas o meu nome é diferente. Minha mãe arrumou uma parteira negra e chamavam ela de Tiana, que é de Sebastiana. Minha mãe não sabia que nome colocar em mim, então quando o padre foi batizar, minha mãe disse que o nome era Tiana e ele disse que aquele nome não existia, que era Ana. Então, graças ao padre eu me chamo Ana. Não tem nada a ver com nome russo.

Mas Anastasia é, não?

É, é um nome russo. João também. De Ivan que era o nome do meu avô paterno, eles traduziram para João. Nicolau também é russo. Mas o Nicolau tem uma história engraçada. Ele não tinha registro de nascimento até ficar moço. Mas todo mundo o chamava de Nicolau. Quando a gente estava no Paraná, ele teve que fazer tiro de guerra e ao invés de fazer o registro em Floristópolis, meu pai falou: 'pega essa aqui mesmo, o outro morreu mesmo, esse aqui é seu'. Que era do João que tinha morrido, aí ele passou para o Nicolau o registro do menino que tinha morrido.

Então a data de nascimento dele nunca esteve correta nos documentos?

Não, o registro dele sempre esteve errado. Ele era dois anos e meio mais novo do que a data do registro.

E ele nunca mais foi atrás para arrumar?

Nunca mais. Nem se importou. Por fim ficaram três Joãos: o que morreu, o Nicolau e o João que está vivo.

E na Rússia eles não se importavam também para os documentos?

Ligavam porque era o padre que fazia tudo. Naquele tempo tudo era mais difícil, hoje é tudo bem mais fácil...

Entrevista com o Srº Enoch Gelezoglo:

Nome completo: Enoch Gelezoglo

Data de nascimento: 25/01/1958

Local de Nascimento: Colônia Prata, no município de Quatá (separado de Varpa por um rio).

Nome do pai: Estefan Gelezoglo (romeno)

Nome da mãe: Lucia Gelezoglo (brasileira, filha de letos, com etnia alemã)

Descendência: romeno e leto.

Em que ano os pais chegaram ao Brasil? Chegaram no dia 26 de fevereiro de 1926.

Os pais do senhor eram romenos. Por que eles emigraram para o Brasil?

Por conta da repressão que estavam sofrendo pelo regime comunista. Os soldados comunistas romenos eram muito cruéis e violentos, acredito que apenas por prazer.

Meu pai contava que eles viviam em um vilarejo, e que fora deste vilarejo eles tinham uma porção de terras para cultivos ou criação de animais. Certa vez, estavam passando fome e separaram a parte do cultivo de trigo (ainda em casca) que tinha de ser entregue ao governo, colocando sobre as costas um saco amarrado pela boca, que seria levado pelo meu avô (diado, termo que aprendi a chamá-lo). Meu diado vinha rodeado por meu pai e por três irmãs felizes que teriam o que comer. Quando o inesperado aconteceu: encontraram no caminho soldados romenos, armados de fuzis, acusando-o de ladrão do governo. Pelo belo prazer, cortaram o saco e despejaram o trigo de forma esparramada. Não bastando isto, usando os fuzis e o bateram com as pontas do mesmo. Meu pai relata que viu a coisa mais horrível da vida dele quando criança, seu pai ficou com o peito todo roxo, machucado, que mal podia respirar. Meu diado, experiente guerreiro, consolava os filhos que viram a brutalidade, com a seguinte frase: "ainda bem que os fuzis não estavam com as baionetas na ponta, eu ainda estou vivo". Eles foram para casa aos choros, pegaram outros sacos e rastelavam com as mãos para aproveitar o que era possível.

A partir daquele dia perderam todo o amor pátrio pela terra que habitavam somados às outras atrocidades. O pensamento era fuga. Na primeira oportunidade, não pensaram duas vezes.

Abro um parêntese aqui para a sátira de que os "comunistas comiam criancinhas". Digo que não, mas as "matavam de fome", não só as criancinhas, mas os adultos também. Quero contar um episódio que ocorreu na Letônia, onde uns refugiados viram o tio e um primo de minha

mãe serem fuzilados! Os soldados chegaram, revistaram a casa e nessa revista encontraram duas baquetas de regente de coro. Identificados como cristãos, solicitaram que fizessem as malas com as melhores roupas. Eles pensaram que seriam encaminhados para a Sibéria como castigo, "isto era uma das práticas comunista". Mas isso não aconteceu. Ao saírem de casa foi ordenado que deixassem as malas e os conduziram para a beira de um lago. Lá foram fuzilados, cabendo aos soldados levar as malas com as melhores roupas.

Qual era a profissão dos seus pais na Romênia? E aqui no Brasil?

Na Bessarábia, eles tinham terras que serviam para cultivo de batata, beterraba branca, trigo e também para a criação de animais, como cavalos. No Brasil, trabalharam com cafeicultura, inicialmente, na fazenda Palmito, em Morro Agudo, município de Orlandia – SP.

Qual o motivo de a escolha ter sido o Brasil, e não os Estados Unidos (outros países), por exemplo?

Na realidade não foi uma escolha, mas sim uma fuga, ou até uma questão de sobrevivência.

Muitos imigrantes chegaram ao Brasil por uma propaganda de que a vida aqui seria melhor do que no país de origem. Esse foi o caso da sua família? O que seus pais diziam que ouviam falar sobre o Brasil?

Como na resposta acima, mal sabiam sobre as Américas. Sabiam, sim, que teriam que trabalhar dois anos de graça, apenas a troco de comida, para pagar a viagem, mas não tinham o conhecimento pleno de América do Norte, América Central e América do Sul. Uma coisa que eles sabiam era que aqui não havia o regime comunista e talvez por isso, almejavam tanto fugir do comunismo romeno.

Já embarcados no navio souberam que a licença de emigração estaria vindo para o Brasil e, assim, foram informados que o destino seria a América do Sul. Foram tomados por uma paz e felicidade quando o navio desatracou.

Qual era a situação (política, social, econômica) da Romênia no ano que eles embarcaram para o Brasil?

Este ponto é o mais complexo, pois todos que eu conheci não desejavam falar sobre este assunto, que sempre foi motivo de medo e constrangimento. Meu pai sempre declarava mais a

sua etnia armênia, talvez fosse mais conveniente que os chamassem de Bessarabianos ou Gagauzos.

A viagem de navio foi paga pelo governo brasileiro? Como foi essa viagem? Eles foram bem tratados no navio?

As informações são um pouco desencontradas, mas parece-me que a viagem foi paga pelos fazendeiros de café, ou pelo menos financiadas pelos cafeicultores, mas não bato o martelo no assunto.

Quanto tempo durou a viagem de navio?

Meu pai falava em quarenta dias de viagem, fora as paradas que fizeram na França, onde os documentos foram revisados e acertados.

Onde eles desembarcaram no Brasil?

No porto de Santos - SP. Tenho o documento de Serviço de Registro de Estrangeiro.

Ao desembarcar, o que aconteceu? Para onde eles foram?

Não tiveram férias ou boas vindas. Apenas foram levados de imediato para a Casa do Imigrante em São Paulo, e de lá foram enviados imediatamente para as fazendas que os esperavam, pois tinham muito trabalho a cumprir. Acredito que não havia ali intenção de separar os grupos de pessoas que tinham afinidades entre si.

Então eles chegaram a trabalhar em fazendas de colonos, certo? Por quanto tempo até se mudarem para a colônia em Varpa?

Sim, eles tinham um contrato familiar que os obrigava a trabalhar dois anos gratuitamente para pagar a viagem, sendo apenas supridos de alimentação de sobrevivência e força para o trabalho, tão somente. Tudo isso aconteceu na Fazenda Palmito, no distrito de Morro Agudo, município de Orlandia - SP.

Após os dois anos de contrato, eles se mudaram para outra fazenda, a fazenda Itaperuba, onde puderam negociar o valor da prestação de serviço, por se tratar de migração de propriedade. Lá eles ficaram outros dois anos.

Minha avó, ou babu, era muito pequenina no tamanho, mas tinha uma raça no trabalho bem mais forte do que meu diado. Junto com minhas três tias, eles eram muito produtivos e

conseguiram juntar dinheiro para comprar terras na Colônia Prata, inclusive o maior lote. Se eu não estiver enganado, foi um lote de 15 alqueires de terra, vindo posteriormente a adquirir mais 25 alqueires.

Conte-me um pouco sobre a colônia. Como era o trabalho? Como era a produção? Como era a vida?

Meu pai, minhas tias, tios e meus avós, chegaram à Colônia Prata em 1929 juntos de outros conterrâneos Bessarabianos. Os últimos conhecidos chegaram em 1931. A migração na colônia começou muito rápida, pois havia muitas dificuldades e desafios para quem quisesse enfrentá-las. Por exemplo:

01 – As terras eram cobertas por matas virgens;

02 – Não havia clareiras para se plantar ou construir casas, era tudo do zero. Havia apenas demarcações ou pontos topográficos dos limites das propriedades;

03 – A colônia se distanciava de seis a oito quilômetros do primeiro núcleo comercial de subsistência básica, no caso o distrito de Varpa;

04 – Os caminhos eram quase como trilhas;

05 – Nada estava construído: não havia poços, embora os filetes de água fossem vários. Nem todas as propriedades tinham esses filetes de água, mas todas elas confrontavam com o Rio do Peixe e a última propriedade aos fundos da colônia fazia fundos com o Riacho Taquara Branca, que tem ainda uma bela mina d'água;

06 – Matas a serem derrubadas no braço com machados e trançadores, isto é, com ferramentas que eram muito rústicas na época;

07- A dedicação no machado para era tanta que quase chegava à perfeição da serraria. Um pouco a parte de nossa casa tínhamos um rancho dividido em cozinha e paiol e mais aos fundos uma garagem de charrete que tinha como madeiramento caibros de medida maior das atuais feitas de coqueiros, madeira que por sua formação fibrosa ereta, era fácil de ser aplainada. Nesta mesma construção, antes de derrubarem, havia pregos feitos de madeira, que mesmo com o passar dos anos ainda estavam bem ajustados.

Início da produção: primeiramente ocorreu a plantação do milho, do arroz e da cebola, que eram o básico da alimentação, depois veio o feijão. O milho garantia a criação de galinhas caipiras, que produziam ovos e carne ao mesmo tempo, embora houvesse a caça para o alimento, mas essa era pouco praticada devido ao trabalho diário que ia da madrugada até o escurecer. O trabalho mais tarde se tornou mais lucrativo pelo plantio de milho e algodão.

Em poucos anos, o centro comercial destes produtos para o milho foram às granjas de galinhas implantadas no distrito de Varpa e mais tarde o comércio de algodão na cidade de Tupã.

Na colônia Prata, sua produção dependia de transportes, que nessa época ficavam por conta dos carros de bois ou mesmo as juntas de bois para arrastarem as toras brutas retiradas para levar até as serrarias.

Primeiramente, meu pai trabalhou para um leto, João Kenps, com bois arrastando toras para a serraria. Ele aprendeu a lidar e amansar os bois, depois constituiu suas próprias juntas de bois, que transportavam algodão. Eram dois fretistas na colônia, meu pai, Estefan Gelezoglo, e o senhor Stefam Bondartchuk, que comprou o primeiro caminhão da colônia.

Quanto à produção, as terras eram muito produtivas, surgindo posteriormente plantações de amendoim. Mas, em seguida houve um fracasso na produtividade e a multiplicação de doenças e pragas. Antes disso, me lembro bem que no meio das plantações de milho misturava-se um pouco de sementes de melancia, até me lembro das melancias amarelas que desapareceram, nunca mais vi em lugar algum! Além destas saborosas melancias, misturava-se um pouco de semente de abóbora.

Como os insumos, adubos e venenos agrícolas eram muito caros, tornou-se inviável o sistema de plantio, como roças, de pequenos proprietários. A maioria dos imigrantes foi vendendo as suas propriedades e acabou migrando para a grande São Paulo.

Meus pais e meus avôs foram os últimos na colônia. Com o falecimento primeiro da babu e depois do diado, ficamos um pouco a mais, até 1984, quando meus pais venderam a propriedade e compramos outra menor perto do distrito de Varpa, já com luz elétrica e duas casas em Tupã.

A vida mudou bastante. Hoje tudo está mudado, tudo está virando fazenda com plantio de cana, só é possível definir algum lugar pelos córregos ou filetes de água e dois pequenos lotes de mata, uma delas da nossa antiga propriedade.

Seus pais voltaram alguma vez ao país de origem?

Nem meu pai nem meus avôs expressaram o desejo de retornar à terra e nem mesmo cogitavam sobre os bens que lá deixaram.

Nunca perguntei, mas tenho um episódio a relatar: um dos imigrantes da colônia russa, ou Estrela, um pouquinho antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, decidiu voltar para as terras da Ucrânia para vender os imóveis que haviam ficado para trás.

Mas ao chegar, acabou sendo recrutado para a Guerra. Ele argumentou dizendo que já constituía família aqui no Brasil. Mas, o recrutamento era irredutível. Diante do fato, ele se empenhou para fugir, conseguindo subornar o Capitão do navio. Assim, acabou sendo preso dentro de uma caixa de batata, cujo carregamento viria para o Brasil. Teve que ser assim, pois antes de o navio desatracar seria vistoriado pelos soldados russos, justamente para evitar fugas.

Deu certo! Ele passou fome e sede até o navio desatracar, mas chegando pôde retornar ao seio familiar aqui no Brasil.

Que hábitos/comidas/tradições sua família manteve aqui no Brasil?

A disciplina e o respeito aos pais sempre foram sagrados. Nas comidas, temos a *platintcha*, uma espécie de pão doce recheado com ricota doce. A sopa de legumes chamada de *bortche* é uma sopa bem acebolada com limão e uma planta parecida com a erva doce que chamávamos de coentro ou *cróp*. Nem sei se a maneira de descrever os nomes acima está correta.

E a religião? Como era?

Religião: este ponto sempre foi sagrado! A família de meu pai e avôs eram ortodoxos. A princípio foram evangelizados ainda na Bessarábia, mas as conversões e batismos se deram aqui no Brasil. Eles sempre declararam que a evangelização foi o mover de Deus como o livramento do comunismo selvagem, em especial do romeno. Foram convertidos, batizados como "Cristo, o único mediador e salvador", isto é dentro da denominação Batista.

O senhor ainda fala a língua deles?

Não. Neste ponto tivemos um pequeno problema, pois meu pai falava o português, o russo e o gagauzo. Por outro lado, minha mãe, filha de leto, falava o português e o leto.

Mas, aprendemos muitas palavras no idioma, normalmente as crianças aprendem as palavras que não devem ser praticadas e assim, a linguagem vai entrando no esquecimento.

Mas para este ponto não ficar muito chato, vamos lembrar os chamados da babu: UUUUUU, PAPAI GUEL IMÉ: papai vem comer.

O que seus pais falavam sobre a Revolução Russa?

Eles preferiam o silêncio e longe de qualquer comentário, sei que temiam que o regime fosse implantado no Brasil. Qualquer citação era motivo de pânico, em especial na revolução de 1964.

O Brasil ainda precisa saber que a revolução de 1964 não foi um golpe militar, e nem uma ditadura, mas sim, uma repressão ao comunismo, que "sutilmente" já estava bem embrenhado nas áreas governamentais como democracia socialista, basta ver que a sigla mais forte na ocasião era URSS, ou seja, União das Repúblicas Soviéticas Socialistas. O que na verdade imperava era o comunismo.

Fui informado de que no ano de 1975 autorizaram um primo de meu pai a vir para o Brasil, por seis meses, mas ao completar um mês recebeu uma ordem compulsória de retorno. Esteve em São Paulo capital e ficou abismado com o que via e como o povo vivia.

Ao retornar às terras de suas origens, surpreendentemente, soube-se que ele havia falecido. Aqui ficamos com alguns pontos de interrogação. "O que aconteceu? Morreu ou morreram com ele?"

Em nossos dias, ainda muito se fala mal da ditadura e de mortes, mas eu faço a pergunta: será?

Ouvi muito pelos meios de divulgação, políticas de barbaridades ou atrocidades do poder militar, mas nada é melhor que o tempo para esclarecer. Às vezes, não ouvimos notícias verídicas, mas opiniões e notícias vendidas, como se fosse a verdade absoluta.

Mas os acontecimentos mais sangrentos se deram nos anos de 1968, quando ingênuos, liderados por líderes despreparados, entraram pelo Mato Grosso, mais precisamente nas matas do Alto Araguaia, planejando invadir Brasília com revólveres e fuzis. Onde eles se meteram? Enfrentar a Aeronáutica e o Exército brasileiro para invadir Brasília e tomar o governo à força e alterar o regime de repressão militar ao comunismo. Não precisa ser muito inteligente para saber o fim.

Aqui eu levanto a questão: um país como o Brasil, poderia ter um governo de idealistas despreparados?

O senhor disse que não acredita que o Brasil sofreu um Golpe Militar e que não teve Ditadura política. No entanto, muitos descendentes de países da União Soviética tiveram problemas no Brasil durante esse período chamado por historiadores de Ditadura Militar por conta da caça aos "comunistas" e muitos queimaram documentos, cartas, etc. Isso também aconteceu com a família do senhor?

Aqui volto a repetir: isto não é verdade! Muito pelo contrário: meu diado escreveu para a URSS, que eu saiba isto aconteceu antes de 1964... Ele recebia os jornais de lá sem problema algum, inclusive ele já era falecido e ainda recebíamos estes jornais, que para nós crianças ou adolescentes, serviam para olhar as figuras.

Minha mãe sempre dava um sinal de temor, mas nunca fomos incomodados ou indagados a respeito.

Entrevista com a Sr^a Lúcia Nely Zalit Bukolts

Nome completo: Lúcia Nely Zalit Bukolts

Data de nascimento: 01/12/1956

Local de Nascimento: Varpa

Descendência: letos – 2^a geração por parte de pai e 3^a geração por parte de mãe.

Profissão: Auxiliar de cultura e turismo do Museu de Varpa³.

Como surgiu o museu?

O Museu de Varpa foi fundado pelo senhor Janis Erdpergs, em 15 de dezembro de 1980, como museu particular. Ele começou a juntar peças em homenagem ao pai. Então, já com uma idade avançada, vendeu o sítio e comprou uma igreja desativada com o objetivo de montar o museu. Como não tinha descendentes, acabou doando o museu à prefeitura em 1993, sob duas condições: que o museu estivesse aberto para visitação e que plantassem árvores nativas nos fundos. As exigências foram cumpridas e hoje, além do museu, existe um bosque. Mas, a prefeitura só pôde começar a atuar no museu em 2000, quando Janis faleceu, então a coleção aumentou e o local ficou mais organizado. As peças que temos aqui são instrumentos do trabalho como machados, serrotes, arado, objetos da vida doméstica como louças, pequenas máquinas, moedor de café, ralador de queijo, etc. Também temos peças que mostram como foi o começo da vida em Varpa e fotografias que registram esse começo. Além disso, o museu possui um acervo pessoal do senhor Janis que conta com fotografias (ele trabalhou como fotógrafo a maior parte da vida), quadros pintados por ele mesmo e uma biblioteca com várias revistas e livros, alguns em outras línguas. Há exemplares da revista *Cruzeiro* e até da revista leta *kristigais Draugs* (Amigo Cristão, em português).

Conte um pouco mais sobre Janis Erdpergs. Quem foi ele?

O senhor Janis nasceu em 1907 na Letônia e mudou-se para o Brasil aos 14 anos com o pai e a madrasta, pois a mãe já havia falecido na Letônia. Quando chegou aqui, o pai também faleceu. Então, já adulto, Janis foi morar em Americana - SP e Campinas – SP, onde trabalhou como fotógrafo. Ele era uma pessoa fechada, era difícil conversar com ele. No documento brasileiro dele a data de nascimento foi registrada com uma diferença de cinco anos a menos.

³ O Museu de Varpa fica no município de Varpa, a aproximadamente 25Km de Tupã. É aberto à visitação de terça a domingo das 13 às 16h e a entrada é gratuita.

Então, ele morreu em 2000 com 93 anos, mas pelo registro brasileiro, teria morrido aos 86 anos.

A revista *Kristigais Draugs* (Amigo Cristão) era produzida no Brasil? Qual era o seu conteúdo?

Era uma revista religiosa, que trazia mensagens bíblicas de algum pastor, mas também noticiava os eventos do meio leto no Brasil e até do exterior. Era uma espécie de informativo, falecimentos, festas e até mensagens. Ela chegou ao Brasil em 1920. No começo, era editada na Letônia, mas sua circulação foi proibida no país. Então, os próprios letos passaram a editar aqui.

Quem mais doou as peças ao museu?

Os próprios imigrantes letos ou descendentes. Por enquanto, o museu é mais exclusivo dos letos, mas eu pretendo conseguir fotos daqueles que atuaram no começo da colônia, como a Igreja Batista Russa ou a Igreja Batista Brasileira. Eu queria fotos das primeiras famílias, estou tentando arrumar isso. Também tem um Órgão aqui que pertenceu a um pastor ucraniano. Ele doou à Igreja e depois ia jogar fora, eu pedi para doarem ao museu.

A religião tinha muita influência nestes imigrantes, certo?

Sim, as famílias eram muito religiosas. Elas saíram da Letônia por causa da perseguição religiosa. A primeira guerra (1914-1918) já tinha acabado quando eles vieram. Aí, teve uma Revolução na Letônia e o Partido Comunista entrou no poder. Os letos, que eram na sua maioria, batistas, passaram a ser perseguidos e, assim, muitos emigraram do país.

Os descendentes continuam seguindo a religião batista?

Alguns sim, outros não. Existem em Tupã duas igrejas batistas e duas em Varpa, sendo uma russa e uma leta. Cada uma tem a sua história, mas realizamos os eventos juntos.

O culto é em português?

Agora é tudo em português, mas ainda tem um grupo que canta em russo e leto, esporadicamente.

Quantas colônias existiram em Tupã e em Varpa?

Na verdade, o município de Varpa é anterior ao de Tupã. Os imigrantes chegaram primeiro em Varpa e depois foram migrando aos poucos para Tupã.

Havia a Colônia da Prata, que foi o local onde muitos letos compraram terras e se estabeleceram. Esse local era do outro lado do rio.

Havia também a Colônia Russa, onde muitos russos se estabeleceram. Eles emigraram pelos mesmos motivos que os letos, com a diferença de que eram evangélicos. No entanto, muitos imigrantes de outras nacionalidades como búlgaros, romenos acabam se passando por russos porque era assim que saía nos documentos.

Por fim, havia a Fazenda Palma, que funcionava como um sistema de Cooperativa. Os imigrantes que não conseguiam vender suas propriedades na Letônia iam morar na fazenda até conseguir seu próprio pedaço de terra. Era como se todos fossem donos, mas havia um líder, que tinha autonomia para fazer o que quisesse. Essa fazenda foi doada à editora Juerp, do Rio de Janeiro (editora religiosa), mas os idosos continuaram morando lá. Atualmente, só há uma moradora no local, uma senhora de 99 anos, cujo filho está administrando o local. Não sei mais exatamente quem é o dono da fazenda, pois uma vez a editora quase faliu e o dono quis vender a fazenda, mas os descendentes de letos saldaram a dívida e a fazenda continua sendo da editora.

Quando a primeira ou as primeiras famílias letas chegaram a Varpa?

A primeira leva chegou no dia 1º de novembro de 1922 com 400 letos, famílias, crianças, idosos, jovens. Antes disso, porém, já havia vindo dois senhores para escolher o local para comprar. Depois chegaram outros navios até meados de 1923, uns seis ou sete.

Os grupos majoritários são letos, russos, romenos, búlgaros, ou seja, vindos da região da Bessarábia. Por que eles escolheram Varpa?

Quando a leva de 1922 chegou ao Brasil, os líderes entraram em contato com o governo do estado de São Paulo para saber onde havia terras para comprar. Eles indicaram Varpa e também o local que hoje é o bairro Jardim Europa em São Paulo, mas lá tudo já era mais caro. Acabaram indo para Varpa, que significa "espiga" na língua leta, pois eles diziam que queriam ficar juntos "como os grãos de uma espiga" e esse acabou sendo o nome oficial. Antes, o município se chamou "*Strma*", que significa "corsa" (animal), presente na região.

Como era a vida nas colônias?

Fácil não foi. Eles tinham que desmatar tudo para começar a construir qualquer coisa. Crianças morreram de febre amarela e desidratação, doenças tropicais, que eles não conheciam na Letônia. Eles trabalhavam bastante e eram muito apegados à religião: tinha cultos todos os dias. Aqui tinha laticínios, agricultura e o centro da Varpa tinha lojas. Alguns moradores moravam e trabalhavam lá e outros moravam e trabalhavam fora.

O sistema de produtividade era coletivo?

No começo era sim, mas depois cada um plantava no seu próprio pedaço de terra.

Que língua eles falavam na colônia? A escola ensinava em letão ou em português?

Até 1932 eles falavam letão e a escola também. Essa escola, chamada EPG João Brediks, existe até hoje e foi construída dentro da Colônia. Neste mesmo ano, os imigrantes doaram a escola para o governo e foram contratados professores brasileiros.

E eles não se incomodaram com isso?

Pelo contrário: era o que eles queriam, pois sabiam que eles e os filhos teriam que aprender português.

Eles procuravam se misturar com os brasileiros ou ficavam só entre eles?

No começo eles eram bastante isolados, mas depois começaram a se misturar, até porque eles precisavam trabalhar, então não teve jeito.

Que contribuições eles deram aos brasileiros?

Eu diria que mais na Cultura: a música e a religião. Eles se preocupavam bastante em ensinar a tocar os instrumentos, ou pelo menos conhecer a música. Mas, na realidade eram eles que tinham que se adaptar ao que tinha aqui. Mesmo na alimentação eles tinham que comer o que era daqui.

Mas tem algum prato típico de lá que vocês comem até hoje?

Tem sim. Tem uma sopa doce que se chama *Zupa* e uma sobremesa que é uma mistura de várias frutas que se chama *ssalda*. Até hoje eu faço em casa.

O que mais você sabe sobre o passado da Letônia?

Eu sei pouca coisa, eles não contavam nada, achavam que não tinha porque a gente saber e tinham medo da represália.

Entrevista com a Sr^a Nanci Bumbiers:

Nome completo: Nanci Bumbiers

Data de nascimento: 04/08/1941

Local de Nascimento: Varpa – distrito de Tupã

Nome do pai: Rudolfo Bumbiers

Nome da mãe: Maria Bumbiers

Descendência: letoniana

Em que ano os pais chegaram ao Brasil? Pai chegou em 1922 e mãe em 1926.

Os pais da senhora eram letos. Por que eles emigraram para o Brasil?

O que trouxe os imigrantes letos de 1922-1923 para o Brasil (Varpa) foi motivo predominantemente espiritual. Vieram por revelação divina, fugindo do monstro ou dragão vermelho (o comunismo ateu) tão temido. Foi um movimento religioso, messiânico, profético. Cumpre ressaltar que essas profecias se cumpriram: a Letônia foi dominada e torturada pelo Comunismo durante mais de meio século (1940 – 1991).

Qual era a profissão dos seus pais na Letônia? E aqui no Brasil?

Meus avós maternos e paternos na Letônia eram pequenos agricultores. Papai veio rapaz, aproximadamente com 18 anos, juntamente com seus pais e irmãos, em 1922 (é um dos primeiros imigrantes). Mamãe, na época da Guerra (1918-1919) ficou órfã de pai e mãe. Chegou a fazer serviços em casas de famílias. Ela veio ao Brasil mais tarde, em 1926, com a irmã e o irmão, chamados pela tia que aqui já viera em 1922.

Qual o motivo de a escolha ter sido o Brasil, e não os Estados Unidos (outros países), por exemplo?

Como disse, eles vieram por motivos religiosos e não à procura de uma vida mais fácil ou riquezas e aventuras (com raras exceções). Era tempo de orações e santificações. O povo escolhido seria protegido numa terra longínqua – sendo que fora mencionado o nome Brasil – em leto – *Brazilija* (pronúncia: Brazilía) e *Palmu Zeme* (Terra das Palmeiras e também Terra Prometida).

Foi um movimento de imigração curioso, uma verdadeira "Epopéia de Fé" (como disse o pastor Osvaldo Romis). Nem todos aderiram a este movimento, que foi criticado por outros. O governo tentou impedir.

Muitos imigrantes chegaram ao Brasil por uma propaganda de que a vida aqui seria melhor do que no país de origem. Esse também foi o caso da sua família além do movimento religioso? O que seus pais diziam que ouviam falar sobre o Brasil?

Havia, sim, certa propaganda da vida no Brasil. Alguns letos já viviam aqui e escreviam em revistas. Mas não era nada mundano, já era visando à vinda dos batistas. O leto Julio Malvess (cunhado do Dr. Janis Inkis, líder e guia espiritual da imigração de 1922) que era funcionário da Secretaria da Agricultura do estado de São Paulo, conseguiu permissão para a entrada de letos no Brasil.

Vale lembrar que a vida na Letônia no pós-guerra não estava fácil: a pátria estava destruída, apesar de a República ter sido proclamada em 1918, mas havia rumores de novas lutas assustadoras e dificuldades dos servos em conseguir novas terras.

Eles não sabiam muito sobre o Brasil, apenas que era um país enorme, tropical, exótico, mas o que mais fascinava era a ideia de liberdade.

Durante toda a sua vida, enquanto viveram, eles louvaram a Deus e agradeceram por poderem viver num país onde eram livres para ir e vir, para comprar e vender, enfim, para professar sua fé. Não importa que a vida foi dura, mas valeu a pena, diziam.

Qual era a situação (política, social, econômica) da Letônia no ano que eles embarcaram para o Brasil?

A independência da Letônia estava proclamada (1918). Mas, economicamente, o país estava devastado pela guerra. O povo estava cansado de tanta ocupação, ora pelos alemães, ora pelos russos. Viviam tensos! Sonhos de uma vida de paz foram destruídos. Temiam a vizinhança da Rússia. Na mente, estava a imagem de pavor produzida pelo infernal regime comunista: fuzilamentos sumários, deportações, separações na família. Viviam sobressaltados. Onde obter mais segurança?

E nessas condições surgiu um despertar espiritual nas igrejas Batistas. Daí, podemos afirmar que o motivo principal da emigração para o Brasil foi escapar do terror Comunista.

Dessa maneira, é que em 1922-23 chegaram da Letônia uns dois mil ou mais imigrantes, de todas as classes sociais e idades, fundando Varpa, à beira do rio do Peixe.

A viagem de navio foi paga pelo governo brasileiro? Como foi essa viagem? Eles foram bem tratados?

Eles venderam casas e propriedades e o dinheiro foi depositado numa caixa comum. Para quem não tinha recursos, a caixa comum financiou a viagem. Diziam que houve promessa que o governo brasileiro restituiria o dinheiro, mas isso não aconteceu. Também os mais ricos emprestavam ou pagavam a viagem aos mais pobres. Papai contava que a pressa para viajar era grande, alguns não conseguiam vender as propriedades ou vendiam muito barato. Meu avô, pai do meu pai, dizia que era considerado abastado e tinha uma terra que conseguiu vender bem. Então, depositou o dinheiro na caixa comum e, no Brasil, comprou "terra boa", na beira do rio do Peixe, que no fim, era o sítio que a gente morava, onde eu cresci.

A viagem no navio: eles vieram em várias levas e em vários navios: *Audes*, *Antonio Delfino*, *Araguaya*, entre outros. De um modo geral, as viagens eram boas. Em alguns navios, as condições eram mais rústicas. A maioria não reclamava. Eram feitos os cultos diários, eles cantavam e oravam. Naturalmente, teve quem passou mal, sentiu enjoos. Eles conversavam em grupos sobre o Brasil desconhecido: clima, pessoas, trabalho, natureza, bichos, rios, macacos, jacarés, cobras... A disciplina era muito rígida. Não eram permitidas brincadeiras ou paqueras!

Só por curiosidade: papai conta que no navio dele, uma senhora adoeceu e faleceu. Foi feito o velório: culto, hinos apropriados, oração com a presença de todos, inclusive de marinheiros e comandantes. Então, envolveram o corpo em um lençol branco e amarraram. O navio parou, apitou longamente e o comandante lançou vagarosamente o corpo no mar. Meu pai disse que foi um momento de grande emoção.

Em outro navio, contam que houve um fato mais alegre: um nascimento, que emocionou a todos e que o comandante custeou os estudos da criança até certa idade.

Mamãe contava que o navio dela fez escala em Dakar – África - durante algumas horas e tiveram permissão para descer. No restaurante, pela primeira vez na vida, viram pessoas negras, foram servidos por garçons negros, e aquilo foi um negócio, uma verdadeira aventura para eles!

De maneira geral, os letos eram tratados com respeito e até com admiração, por sua sinceridade e educação.

Onde eles desembarcaram no Brasil?

Em Santos (muitos poucos no Rio de Janeiro), onde eram esperados por alguns letos que os antecederam aqui no Brasil.

Quanto tempo durou a viagem de navio?

As viagens duravam em média 20 dias.

Ao desembarcar, o que aconteceu? Para onde eles foram?

Ao descer do navio, foram recebidos por letos. De lá foram levados à Casa do Imigrante para se alimentarem. Alguns estranharam a comida, outros acharam interessante. Era novembro, estava muito quente. Serviram abacaxi. Minha tia conta que achou delicioso, pois estava muito doce e suculento e ela pensou: "se tem fruta tão gostosa, vai dar para viver neste país". De Santos a São Paulo, viajaram de trem cansados, mas curiosos. Na capital, ficaram na Hospedaria do Imigrante para as devidas formalidades e alimentação. De um modo geral, acharam o tratamento bom. De lá, seguiram para a Estação Sorocabana para continuar de trem aproximadamente 700 Km até Sapezal, em um trem de segunda classe, cuja passagem foi paga pela Casa do Imigrante. Eles diziam que essa viagem foi muito cansativa.

Seus pais voltaram alguma vez ao país de origem?

Meus pais não voltaram à Letônia. Papai chegou com os primeiros imigrantes com 17-18 anos e mamãe mais tarde, em 1926, pois em 1922, ela ainda não era maior de idade, então os irmãos a esperaram. Meus pais se conheceram aqui, casaram-se em 1935 e não voltaram. Eles estavam satisfeitos aqui, já que a Letônia não era mais um país livre. Estava dominada pelo jugo soviético. Houve uma época em que nem enviar correspondência era permitido: fechou-se a "Cortina de Ferro". Eles sequer chegaram a ver a pátria livre (1991), pois meu pai faleceu em 1988 e minha mãe ficou paralisada de 1989 até 2002.

Resumindo: enquanto vivos, eles e outros da geração deles não tiveram vontade de voltar, pelo pavor da opressão soviética. Atualmente, o país está livre e descendentes de letos e russos têm visitado a terra natal de seus pais e andado pelos lugares onde seus antepassados viveram. Minha cunhada visitou os parentes que lá ficaram.

A senhora chegou a conhecer o país dos seus pais?

Ainda não conheço a Letônia.

O que seus pais falavam sobre a Revolução Russa?

A Revolução Russa veio com novas leis que restringiam tudo e todos que faziam barbaridades em nome da justiça, ou seja, opressão violenta e desumana. Arbitrariedades e massacres psicológicos.

Conta-se da tenebrosa noite de 14 de junho de 1941, quando milhares de cidadãos foram arrancados de suas casas e deportados para a Sibéria, em lugares ignorados, para serem feitos escravos do Comunismo soviético. Cerca de 35 mil homens, crianças e mulheres foram levados em comboios de gado.

Em 1941, os alemães invadiram a Letônia e expulsaram as tropas russas, estabelecendo outra ditadura. Em 1944, os comunistas novamente ocuparam a Letônia, provocando fugas desesperadas para a Alemanha, Suécia, onde as pessoas atravessavam o mar em pequenos barcos na noite escura, arriscando a vida.

Contam: "é preferível morrer a viver da Ditadura".

Esses são relatos de letos que viveram e passaram por isso. Daí, o verdadeiro pavor que temos do Comunismo ou da Ditadura comunista. Muita gente por aí se diz comunista, mas não sabe nem o que está falando...

Eles chegaram a trabalhar em fazendas de colonos ou foram direto para a colônia em Tupã? Quais são as recordações de infância que a senhora tem?

Eles foram para Varpa. No começo, predominou a vida comunitária, à beira do rio do Peixe, no primeiro acampamento. Mas o dinheiro da caixa comunitária começou a ficar escasso e então ficou resolvido que poderiam sair para trabalhar em fazendas. Alguns foram serrar, assentar dormentes na estrada de ferro na região de Duarteina, como foi o caso do meu pai. Nas fazendas de café, os imigrantes tiveram o primeiro contato com os brasileiros e surgiu a necessidade de aprender a língua portuguesa. Conta-se que letos e brasileiros davam-se bem. Ensinavam palavras a eles, e, claro, havia as brincadeiras! Os letos eram bem vistos pelos donos das fazendas por sua sinceridade e honestidade. Faziam cultos e cantavam.

Tenho muitas recordações da infância! Marcou minha vida, minha mãe me ensinando a ler num livrinho (Abecedário), tipo primeiras letras, mas era em leto, foi trazido da Letônia e tinha letras góticas, era ilustrado à luz da lamparina (de dia ela trabalhava). Assim, aprendi a ler e a escrever na língua materna. Fui para o grupo escolar bastante acanhada (assim como outras crianças filhas de letos também), sem saber falar praticamente nada em português. Era carteira dupla e a menina ao lado (brasileira) me ajudou. A professora do primeiro ano, Dona

Lili era bem jeitosa e já sabia que em Varpa a situação era essa. Às vezes pegava na mão da gente para escrever. Sofri esses dias, mas quando fui ver, não sei como, já estava falando e escrevendo em português.

E assim, graças a meus pais, hoje falo, leio e escrevo na língua leta, inclusive em letras góticas na ortografia antiga. Valeu a pena!

Marcou também as brincadeiras: fabricavam os brinquedos de sabugos, tanquinhos de mandioca, pauzinhos, etc. E a criatividade funcionava.

Aos domingos, a gente se arrumava para ir à igreja, de charrete. Para as crianças, tinha a escola Dominical, onde tínhamos que recitar um verso bíblico de cor, era o texto áureo. Também foi marcante o Natal das crianças na Igreja, esperado com tanta ansiedade: a árvore era tão grande com velas acesas e a gente recitava poesia de Natal (em leto, naturalmente), cantei solo também (*Tannenbaun* em leto), mas não virei cantora de Ópera! No final da festa, recebíamos um pacotão de doces e chocolates (meio raro na época). A Igreja onde tudo isso aconteceu foi a II Igreja Batista de Varpa, cujo prédio agora abriga o Museu dos Pioneiros.

Conte-me um pouco sobre a colônia. Como era o trabalho? Quantas famílias moravam no local? Como era a produção? Como era a vida? Ali se falava mais português ou que línguas?

Varpa começou à beira do rio do Peixe em novembro de 1922 (primeira leva de imigrantes) numa clareira aberta na mata virgem, em barracões de lona. É o famoso "velho acampamento". Os cultos eram ao ar livre e o púlpito era um toco de peroba. Costumo dizer que Varpa começou com "a Bíblia ao toco". Os bancos eram troncos serrados.

Todos iam à mata trabalhar: cortar, serrar as madeiras, bancos rústicos, etc...

Após uns dois anos, ou menos, foi construído o segundo acampamento, a uns três quilômetros acima, onde atualmente fica o centro de Varpa.

Aproximadamente dois mil alqueires tinham sido comprados pelos antecessores (letos que vieram planejar a venda) naquele local e não mais próximo à capital, por exemplo, pelo preço mais acessível.

Logo aconteceram a mediação e o loteamento (por eles mesmos: vieram engenheiros, poetas, músicos, sapateiros e todos os tipos de profissionais). Os que haviam depositado dinheiro na caixa tinham direito de escolher. Os outros ficavam para um sorteio.

O início foi assim. Os lotes recebidos eram áreas cobertas de mata. Eles mesmos desmatavam e serravam as madeiras. Construíram as primeiras pontes (mutirão sem nenhuma ajuda do

governo). As primeiras casas eram muito simples. Mas quem podia, construía a casa com madeira seguindo o estilo europeu.

No centro de Varpa, um comerciante ergueu até um palacete, já de tijolos e outras casas de comércio típicas e até pomposas. Algumas delas ainda estão no centro de Varpa. Pena que estão se deteriorando. Há uma bem típica que o dono mantém, as outras não.

Na época, a colônia contava com aproximadamente duas mil pessoas. Os moços passeavam pela mata, pelo rio de barco, subiam em árvores, ensaiavam instrumentos e paqueravam também.

O trabalho nos primeiros tempos era árduo: homens e mulheres iam para a mata e para roça. Mesmo quando já estavam nas suas propriedades, a vida não foi fácil. Alguns saíram, indo para as cidades maiores e para a capital. Mas a maioria ficou.

A mulher sempre foi participativa: ela trabalhava na roça, tirava leite, trabalhava na granja, cuidava da criação, ajudava no serrote. Cuidava dos afazeres domésticos, dos filhos e ainda achava tempo para bordar e costurar. Lembro-me de que minha mãe levantava de madrugada (já na década de 1950) para bater nata até virar manteiga. Não havia energia elétrica nos sítios.

Nesses primeiros tempos, nas pequenas propriedades havia gado, aves e cultura de produtos para a própria subsistência. Caçavam pacas, veados. Consta que havia 200 pequenas propriedades.

Havia moinho, serraria, padaria. No centro, havia casas comerciais, farmácia, sapateiro, barbeiro, fotógrafo, armazém. Conta-se também que o fundador de Tupã, o senhor Luís de Souza Leão foi fazer compras em Varpas, a cavalo – Varpa é mais antiga que Tupã.

No período áureo de Varpa, desenvolveu-se a sericicultura (bicho de seda) por volta de 1933. Também havia produção de ovos em granjas e manteiga, famosa em Varpa, porque era enviada a São Paulo e servia firmas, como a Kopenhagen.

A intenção dos líderes fundadores de Varpa (Dr. Janis Inkis foi o guia e líder espiritual) era manter uma colônia de letos e de descendentes fechada, religiosa e falante da língua leta. Algum tempo funcionou. Mais tarde, isso não foi possível. Jovens se casaram com brasileiros, russos e tantos outros e também brasileiros não evangélicos se instalaram em Varpa, abrindo até bares com bebidas.

Que hábitos/comidas/tradições sua família manteve aqui no Brasil?

A língua foi fator de união entre as famílias e assim também foi em casa. Só se conversavam em língua leta. (Meu pai, minha mãe, eu, infelizmente sou filha única). Mas o mesmo acontecia na casa de meus tios e primos e nas outras famílias dos letos da primeira geração.

Quanto às comidas, a gente se adaptou muito bem ao arroz e feijão e aos chuchus e abobrinhas do Brasil. Mas preparamos de vez em quando um chucrute de nata azeda, temos o Rancho dos Defumados (propriedade da Lúcia do Museu) com embutidos, Joelho de Porco, etc. No Natal, costumo preparar as *piparkuka*, um tipo de bolachinha típica do Natal, com especiarias e pimenta. (*Pipar*: pimenta, *kukas*: cookies).

Em Varpa, temos um conjunto musical leto que canta hinos religiosos e folclóricos em leto. Até hoje a maioria dos letos em Varpa são batistas. A disciplina já não é tão rigorosa como nos primeiros tempos da colônia. Há também os que não querem saber de nada...

E a religião? Como era?

Na história de Varpa, não é possível separar a vida social da religiosa, pois trata-se de uma sociedade religiosa. A Igreja é o centro de tudo para jovens, adultos e crianças.

Os letos gostam muito de cantar e na época aconteceu a construção do grande templo (mutirão), em novembro de 1931, na época um dos maiores da América Latina, com cerca de dois mil lugares. Havia um grande coral, orquestra, biblioteca, serviços, palestras. A disciplina era muito severa e qualquer deslize era investigado e julgado pela liderança religiosa.

Até pouco tempo, os cultos eram realizados em língua leta, na igreja leta, e em língua russa na igreja russa.

Atualmente, tudo acontece em português. Muitos descendentes dos velhos letos (netos, bisnetos) nem falam a língua.

Muitos descendentes de países da União Soviética tiveram problemas no Brasil durante a Ditadura Militar por conta da caça aos "comunistas" e muitos queimaram documentos, cartas, etc. Isso também aconteceu com a família da senhora?

Que eu saiba, entre as pessoas de nosso meio, não houve problemas nesse sentido. Inclusive, pelo horror que temos do domínio comunista que experimentamos na carne, nos sentimos aliviados quando alguns "metidos a comunistas" foram tirados de circulação.

Entrevista com a Sr^a Vera Zander Campelo:

Nome completo: Vera Zander Campelo

Data de nascimento: 21/02/1948

Local de Nascimento: Campo Grande - RJ

Nome do pai: Andrei Zander

Nome da mãe: Pelagheia Zander

Descendência: Búlgara (avô materno), o pai nasceu numa colônia alemã perto da Sibéria. Por parte de mãe, Russa.

Em que ano os pais chegaram ao Brasil? A entrevistada não sabe.

Os pais da senhora eram russos/romenos. Por que eles emigraram para o Brasil?

Meu avô (parte de mãe) tinha uma casa de inverno e uma de verão. Quando estourou a Revolução, o governo lacrou a casa de inverno. Minha avó colocava a minha mãe no ombro para subir no sótão para pegar comida. Mas depois ninguém podia usar mais a casa. Minha mãe tinha cinco anos. Então, apareceu uma entidade dizendo que se quisesse vir para o Brasil, o governo daria um pedaço de terra. Meu avô achou melhor vir para o Brasil e convidou uma porção de amigos russos que vieram. Já meu pai, na colônia onde morava, falava-se russo, alemão e um dialeto da colônia parecido com o português. Uma moça que morava na frente da casa dele se correspondia com gente do Brasil e disse que aqui não fazia frio. Ele decidiu vender a roupa de inverno dele, pegou o navio e veio embora com 17 anos.

Qual era a profissão dos seus avôs na Rússia? E aqui no Brasil?

Meu avô materno era *merchand*, comprava boi vivo para matar e vender. Ele também foi soldado do czar na Rússia quando jovem. Minha avó era dona da casa, ajudava a costurar. Minha avó por parte de pai fazia bota de couro de coelho. Meu avô já tinha morrido quando meu pai veio para o Brasil.

Qual o motivo de a escolha ter sido o Brasil, e não os Estados Unidos (outros países), por exemplo?

Por causa da propaganda e porque meu pai ouviu dizer que aqui não fazia frio.

Muitos imigrantes chegaram ao Brasil por uma propaganda de que a vida aqui seria melhor do que no país de origem. Esse foi o caso da sua família? O que seus pais diziam que ouviam falar sobre o Brasil?

Meu pai dizia que falavam pra ele que aqui tinha macaco na rua. Mas quando ele chegou ao Rio de Janeiro, já existia a Presidente Vargas (avenida tradicional) na cidade e até luz elétrica. Minha avó chegou a Santos no carnaval e tinha uns negros descarregando mercadoria, então ela viu que o negro estava tirando um lenço no bolso e ficou esperando ele tirar a tinta do rosto. Nunca tinha visto um negro na vida.

Qual era a situação (política, social, econômica) da Rússia no ano que eles embarcaram para o Brasil?

Eles não falavam sobre política. Eles moravam mais no interior. Eles quase não falavam sobre a Rússia.

A viagem de navio foi paga pelo governo brasileiro? Como foi essa viagem? Eles foram bem tratados no navio?

Meu pai veio num navio italiano que só tinha macarrão. Eles tomavam seis garrafas de vinho por dia, e no porão acharam uma caixa de cebola e foram comer porque era só macarrão e vinho. Minha avó dizia que se dessem batata crua ele comeria, tudo tinha que ter batata e cebola.

Onde eles desembarcaram no Brasil?

Meu pai no Rio de Janeiro. Minha mãe e a família dela desembarcaram em Santos.

Seus pais voltaram alguma vez ao país de origem?

Nunca mais. Não quiseram, minha mãe virou brasileira, veio muito pequena. Meu pai nunca se naturalizou brasileiro, mas nunca voltou. Nem os meus avós. Nunca falaram nem que sentiam saudade, pois se adaptaram ao Brasil.

A senhora chegou a conhecer a Rússia?

Não. Nem quero porque não suporto o frio...

O que seus pais falavam sobre a Revolução Russa?

Não falavam nada. Minha avó só falava que o governo passou a mão na casa dela. Faltava interesse em perguntar.

Ao desembarcar, o que aconteceu? Para onde eles foram?

Da minha mãe: um pessoal os levou para uma fazenda do governo, meu avô não queria trabalhar em fazenda de colono. Ele acabou sendo preso porque queria sair da fazenda, mas disseram que ele só sairia se pagasse. Lá, havia uma caderneta de comida e era tudo muito mais caro do que de fora. Ele veio de um país que não queria obedecer ao governo, não sei o que aconteceu para ele ser preso, mas ele não queria obedecer mais ninguém. Já a minha mãe trabalhava de embaladora de maçã e laranja. Depois, virou costureira no Rio de Janeiro e meu pai trabalhou como mecânico e depois comprou um terreno em Campo Grande - RJ.

Eles chegaram a trabalhar em fazendas de colonos?

Nunca moraram em nenhuma colônia russa. Os russos que vieram no navio com meu pai nunca moraram em colônia. Uns foram para São Paulo, outros para o Rio de Janeiro, outro virou motorista de taxi. Esses quatro vieram sozinhos e foram trabalhar na cidade, não no campo. Na família da minha mãe também não. Eles trabalharam em fazendas, depois começaram a ir para São Paulo.

Minha mãe já era grande quando foi para o Rio de Janeiro.

Que hábitos/comidas/tradições sua família manteve aqui no Brasil?

Eu faço *roloxi*, que é um enroladinho tipo charuto, só que na Rússia era feito com folha de uva, e aqui passaram a fazer na folha de couve e depois na folha de repolho. Tem também o *caladexi*, que é mocotó com tempero. É só deixar cozinhar até ficar bem molinho. Depois basta coar para tirar a cebola e deixar na geladeira. Tem um doce de uva também...

E a religião? Como era?

Eles eram ortodoxos. Quando chegaram ao Brasil só existia uma igreja ortodoxa em Santa Tereza e uma em Niterói, longe de Campo Grande. Aqui tinha um colégio de freira que era muito bom, então foi lá que nós frequentamos. Mas eu já fui na igreja Russa em Santa Tereza, achei engraçado o fato de a mulher do padre estar grávida. A religião permite que os padres se casem. Mas meus pais não eram religiosos, não nos obrigavam a nada. Todos viraram

católicos. Meus pais não se casaram na igreja, então não nos forçaram a ter religião. Minha avó, sim, ia na igreja russa lá na Rússia.

Curiosidade: eu tinha um tio que ia para o bar e ficava implicando com os judeus, falava para os judeus não reclamarem que ia bater neles, só porque eram judeus.

A senhora ainda fala a língua deles?

Não.

Muitos descendentes de países da União Soviética tiveram problemas no Brasil durante a Ditadura Militar por conta da caça aos "comunistas" e muitos queimaram documentos, cartas, etc. Isso também aconteceu com a família da senhora?

Não. Eles não sofreram nenhuma repressão, nem meu pai por ser alemão. Teve uns alemães de Campo Grande que sofreram preconceito, mas nunca aconteceu nada com o meu pai, ele era mecânico da embaixada da Rússia.

O pessoal da Embaixada ia em casa e falava russo. Só que no meio dos que falavam russo tinha alguns que fingiam que não falavam português pra ver se tinha alguém que falava mal da Rússia, se estava falando mal do regime. A embaixada era no Rio de Janeiro.

Curiosidade: eles usam aliança do lado contrário, a de casado é do lado direito.

Entrevista com a Sr^a Zenovia Diacov:

Nome completo: Zenovia Nitchepurencu Diacov

Data de nascimento: 01/11/1942

Local de Nascimento: Varpa – distrito de Tupã

Nome do pai: João Nitchepurencu (1912)

Nome da mãe: Alexandra Kovalhiuk Nitchepurencu (1913)

Descendência: Bessarábia (pai), Ucrânia (mãe).

Em que ano os pais chegaram ao Brasil? Mãe chegou em 1926, o pai chegou em 1929.

Os pais da senhora eram da Bessarábia e da Ucrânia. Por que eles emigraram para o Brasil?

Por causa da situação política daqueles países. Eles previram que haveria perseguição, houve a oportunidade e vieram. Na verdade, nas aldeias onde eles moravam havia pastores que disseram a todos que iria acontecer uma reviravolta. Aconteceu mesmo e eles saíram em tempo. Minha mãe veio com os pais dela e os irmãos quando ela tinha 13 anos. Meu pai veio com 17 anos com o primo. Na época, os fazendeiros do Brasil precisavam de "três braçais" (assim se dizia), então ele veio para ser o terceiro braçal, o primeiro era o primo e o segundo, o irmão.

Qual era a profissão dos seus avôs na Bessarábia/Ucrânia? E aqui no Brasil?

Meus avôs tanto por parte de mãe quanto de pai moravam na aldeia e viviam disso. A aldeia era um agrupamento de famílias e casas. As casas eram na frente e a roça, no fundo. Eles plantavam e criavam animais... Meu pai veio para o Brasil como ferreiro. Minha mãe enfrentou derrubada de mato, colheu café, fez um pouco de tudo aqui. Também sei que meu bisavô por parte de mãe foi um comandante, mas todos eram sitiantes.

Qual o motivo de a escolha ter sido o Brasil, e não os Estados Unidos (outros países), por exemplo?

Na verdade, eles sabiam que viriam para a América. Tudo que eles sabiam é que queriam sair de lá. Como havia pessoas que estavam cuidando disso, no caso, os pastores evangélicos, eles

não se preocuparam com o local que iriam. Sabiam apenas que era para a América. Sem muita escolha, eles simplesmente sabiam que tinham sair e isso os conduziu a chegar aqui.

Muitos imigrantes chegaram ao Brasil por uma propaganda de que a vida aqui seria melhor do que no país de origem. Esse foi o caso da sua família? O que seus pais diziam que ouviam falar sobre o Brasil?

Na verdade, o próprio povo soltou que aqui seria melhor. Aí, pela imaginação muitos toparam e quando chegaram tiveram uma decepção e voltaram. Nem todos levaram tudo como foi transmitido. Acredito que aconteceu aquele barulho: "vamos para a América? Vamos". Meu avô materno esteve na Primeira Guerra Mundial e minha mãe era criança. Quando ele voltou, conheceu o evangelho no Japão e voltou mudado. Depois disso, começou a frequentar trabalhos evangélicos e eles pediam a Deus uma orientação, pois estavam se sentindo em uma situação difícil, então buscaram a vontade de Deus. Alguém comentou e ajudou. Muitos vieram dirigidos por Deus. Eu sei que os pastores falavam para eles que aqui não era o paraíso, eles preveniam: "vocês estão indo para outro país, onde vão encontrar muita dificuldade".

Qual era a situação (política, social, econômica) da Bessarábia/Ucrânia no ano que eles embarcaram para o Brasil?

Socialismo. Sei que eles não puderam trazer nada, só a roupa do corpo. Não puderam vender casas nem nada.

A viagem de navio foi paga pelo governo brasileiro? Como foi essa viagem? Eles foram bem tratados no navio?

Não, a viagem foi paga por fazendeiros brasileiros que fizeram as propostas de trabalho por meio de líderes, no caso os pastores da Igreja Batista de lá. Quando eles chegassem ao Brasil, teriam que trabalhar por dois anos para pagar a viagem e depois estariam livres. Muitos cumpriram, mas outros não cumpriram o contrato. Sei que no caso da família da minha mãe, eles foram até Paris de trem e depois embarcaram no navio que levou um mês para chegar no Brasil. A viagem foi confortável e muito boa. Sei que nos primeiros três dias, por causa da maré, eles passaram mal, mas depois fizeram uma grande festa. A comida era bem diferente, eles sempre se lembravam disso. Todo mundo entrou na festa. Quando chegaram aqui, na Casa do Imigrante, foi tudo muito bem.

Onde eles desembarcaram no Brasil?

Em Santos.

Ao desembarcar, o que aconteceu? Para onde eles foram?

Foram pra São Paulo e depois foram enviados para a fazenda do contrato, parece que se chama Brasília, em Xavantes - SP. Esses pastores acompanharam o desenrolar da história. Meus pais não ficaram desamparados.

Eles tiveram algum estranhamento ao chegaram ao Brasil?

Meus avós estranharam aqueles negros comendo "pau", como eles diziam. Depois, eles aprenderam que eles estavam comendo cana. Tudo era novidade, a comida tinha cheiro diferente, até a água era diferente. Nada fora do comum para imigrantes. Acho que nossos pais, avós passaram um bocado... Não importa a nacionalidade, todos enfrentaram situações. Minha mãe perdeu a irmã por conta da mudança de clima, muita gente morreu, principalmente crianças e pessoas de idade.

Seus pais voltaram alguma vez ao país de origem?

Não, eles diziam que tinham vontade de voltar, mas sempre trabalharam muito, era caro e acabaram não voltando. Até um período eles não podiam ir porque era perigoso não conseguir voltar mais. Depois da Perestroika⁴ tudo mudou.

A senhora chegou a conhecer o país dos seus pais?

Não, tive muito vontade de conhecer a casa onde eles moraram, mas até hoje não fui.

O que seus pais falavam sobre a Revolução Russa?

Eles diziam que até a Revolução, eles levavam uma vida maravilhosa, mas depois tudo ficou muito mais difícil.

Como eles chegaram até Varpa?

Meus avós maternos trabalharam em fazendas de colonos por algum tempo e depois foram para São Paulo trabalhar em fábricas. Só depois ficaram sabendo de Varpa, provavelmente

⁴ A Perestroika foi uma das medidas de abertura política introduzida por Mikhail Gorbachev, em 1985.

pelas igrejas. Acabaram vindo morar aqui, onde compraram um terreno e formaram um sítio. Minha mãe voltou para São Paulo para trabalhar de doméstica e depois voltou. O meu pai foi a mesma coisa, ele chegou até a fazenda Palma (corporação evangélica) e lá eles ficaram.

Conte-me um pouco sobre a fazenda Palma. Como era o trabalho? Quantas famílias moravam no local? Como era a produção? Como era a vida? Ali se falava mais português ou que línguas?

A história da fazenda Palma é a seguinte: vieram um grupo de irmãos Letos e aportaram em Varpa, em 1922. Só que um grupo não concordou com o outro em situação alguma, então um grupo permaneceu em Varpa e o outro comprou a fazenda Palma. Isso porque alguns queriam ficar em conjunto, enquanto outros queriam ficar em seu próprio sítio. Em Varpa, cada um ficou com o seu sítio e o seu espaço. Foi na fazenda Palma que meus pais se conheceram. Palma sustentava duas mil pessoas, mais ou menos.

O sistema era coletivo: um grupo trabalhava na roça, outro no pão, outro na gráfica, outros na escola, e por aí vai. Era mais ou menos assim: "eu sei fazer pão, então eu fico na área do pão, você sabe costurar, então vai trabalhar na oficina de costura e assim por diante". Podia-se aprender também vários ofícios de acordo com a aptidão de cada um. A minha mãe trabalhou na derrubada de mato, na colheita de café. Meu pai trabalhou na oficina, ele arrastava madeira.

Em relação à língua, posso dizer que ali ninguém entendia ninguém. Os letos sabiam falar russo porque na Letônia o idioma era obrigatório, então a gente conseguia se entender. Meu pai falava assim, "desencontrado". Falava um pouco de tudo, mas, mais russo, ucraniano, tudo misturado. A escola ensinava português, mas os próprios alunos falavam o seu próprio idioma.

Que hábitos/comidas/tradições sua família manteve aqui no Brasil?

Eles não fugiram dos costumes, mas adotaram rapidamente a culinária brasileira, como o arroz e o feijão. Até hoje faço uma sopa de legume temperada com creme de leite chamada *Dortch*. No começo, predominou bastante os costumes, por exemplo: ser sempre muito responsável, não podia deixar passar nada. Meus pais também fizeram questão que os filhos aprendessem a ler e a escrever em russo. Ele exigiu que nós falássemos em russo dentro de casa. Na rua, podíamos falar outros idiomas. Aí uma professora nos ensinou a gramática.

E a religião? Como era?

Nós somos batistas, evangélicos. Até certa época, meus avós eram ortodoxos na Rússia, nós até temos alguma influência deles, por exemplo: a Páscoa, nós comemoramos como dia sagrado e o Natal também. Ele se converteu no Japão durante a Guerra. No começo minha avó não gostou, chegou até a jogar a bíblia para queimar, mas acabou se convertendo também.

Não sofreram perseguição por causa da religião?

Não, o caso foi de mudança política.

A senhora ainda fala russo?

Falo, leio, escrevo e dou aula.

Muitos descendentes de países da União Soviética tiveram problemas no Brasil durante a Ditadura Militar por conta da caça aos "comunistas" e queimaram documentos, cartas, etc. Isso também aconteceu com a família da senhora?

A gente sabia que a situação era delicada, e por isso, tínhamos cuidado diferentes... Meu pai nunca comentou nada, ficou sempre na dele. Ele entendia que precisava saber o idioma dele, mas nunca se envolveu com política porque sabia que aquilo era um assunto delicado. Nunca tivemos problemas. Ele até via um pouco os jornais que vinham de lá, mas ignorava.